

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

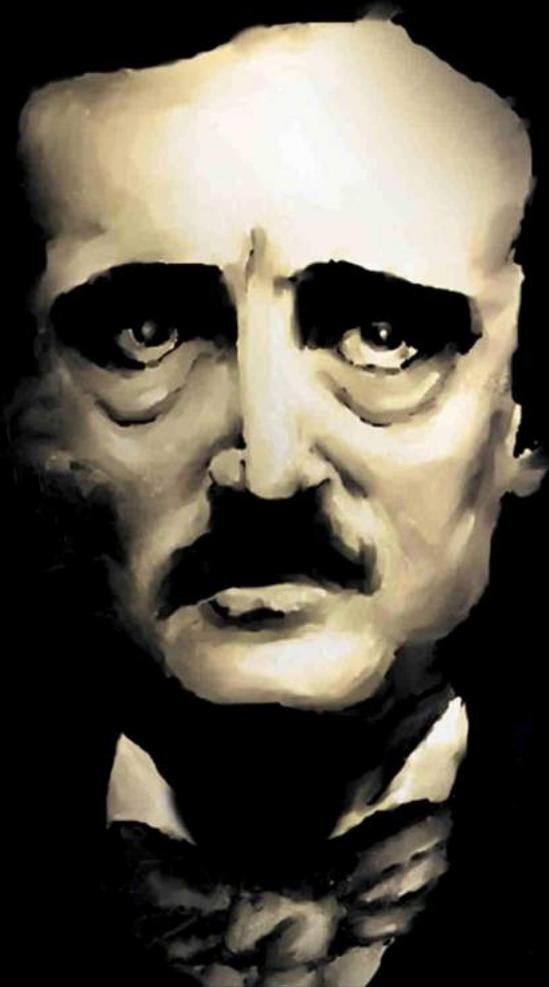
REVISTA

conexão

# Literatura

Março / 2019

nº 45



SAIBA TUDO SOBRE O LIVRO:

## O Clube de Leitura de EDGAR ALLAN POE

SUSPENSE E MISTÉRIO

FEITA POR LEITORES  
PARA LEITORES



www.revistaconexaoliteratura.com.br

# SUMÁRIO

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03  
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 04  
Livro: O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, por Ademir Pascale, pág. 05  
Livraria Conexão Literatura (Sugestões de livros), págs. 12 e 13  
Resenha: Ferrão de Escorpião, por Eudes Cruz, pág. 15  
Crônica: Não há vagas, por Nathalia Paiva, pág. 21  
Artigo Científico: O Gênero textual-literário poesia: uma alternativa pedagógica para ensinar e aprender literatura brasileira na escola de educação básica, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 24  
Entrevista com o autor José M. S. Freire, pág. 30  
Entrevista com o autor e professor Abdul Assaf, pág. 36  
Conto: "Amigos para sempre", por Míriam Santiago, pág. 42  
Conto: "O pequeno ser prateado", por Roberto Schima, pág. 48  
Conto: "Balas perdidas", por Vitor Abdala, pág. 64  
Saiba como anunciar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 73

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

## COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Eudes Cruz- Colunista/Colaborador

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da Capa: Ademir Pascale. Imagem: Baseada no livro "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Selo Jovem)

Patrocinam esta edição:  
Míriam Santiago - Roberto Schima - Nathalia Paiva - Marcos Pereira dos Santos

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

Para entrar em contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe



**M**arço é um mês especial. Mês que fico um ano mais velho, mas também é o mês que o meu novo romance saiu da pré-venda e já está disponível para venda na pronta-entrega da Editora Selo Jovem. O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, está tendo uma ótima repercussão. Leitores interessados em adquirir a obra ou saber mais notícias estão enviando e-mails e mensagens pelo Instagram e Facebook. Só posso dizer que estou muito contente, mais ainda por publicar sobre Poe, escritor que influenciou meu gosto e minha entrada na literatura. Escrevi essa obra com muito prazer e a primeira resenha, elaborada pela Amanda Leonardi, já pode ser conferida no site NotaTerapia: clique aqui. Para os leitores que quiserem acompanhar mais sobre essa obra, é só continuar a leitura das próximas páginas. Deixo também o link da minha fanpage "Edgar Allan Poe - Poe's Club": <http://www.facebook.com/posesclub>

Contos, dicas de livros, entrevistas e matérias especiais aguardam por você.

Para divulgar o seu livro ou anunciar em nosso site e próxima edição, acesse: [www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)



## Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Organizador e criador da obra "Possessão Alienígena" (Editora Devir), autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe", lançado pela editora Selo Jovem. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



**conexaoliteratura**  
clique aqui

# conexão Literatura



## Nossos Parceiros:

[www.livrodestaque.com.br](http://www.livrodestaque.com.br)

[www.dragoeditorial.com](http://www.dragoeditorial.com)

[travelingbetweenpages.blogspot.com.br](http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br)

[dose-of-poetry.blogspot.com.br](http://dose-of-poetry.blogspot.com.br)

[dailyofbooks.blogspot.com.br](http://dailyofbooks.blogspot.com.br)

[suka-p.blogspot.com.br](http://suka-p.blogspot.com.br)

[www.divulgalivros.org](http://www.divulgalivros.org)

[tomoliterario.blogspot.com.br](http://tomoliterario.blogspot.com.br)

[www.bookstimebrasil.com.br](http://www.bookstimebrasil.com.br)

[www.sugestoesdelivros.com](http://www.sugestoesdelivros.com)

[deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe](http://deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe)

[www.encantoliterario.com.br](http://www.encantoliterario.com.br)

[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)

[www.livreando.com.br](http://www.livreando.com.br)

[coleccionandoromances.blogspot.com.br](http://coleccionandoromances.blogspot.com.br)

[ateultimapagina.wordpress.com](http://ateultimapagina.wordpress.com)

[literaleitura2013.blogspot.com](http://literaleitura2013.blogspot.com)

[www.literagindo.com.br](http://www.literagindo.com.br)

[www.estantedowilson.com.br](http://www.estantedowilson.com.br)

[miriammorganuns.blogspot.com.br](http://miriammorganuns.blogspot.com.br)

[esoportunovagao.blogspot.com.br](http://esoportunovagao.blogspot.com.br)

[www.salaliteraria.com.br](http://www.salaliteraria.com.br)

[www.cafeinaliteraria.com.br](http://www.cafeinaliteraria.com.br)

[www.sonhandoatravesdepalavras.com.br](http://www.sonhandoatravesdepalavras.com.br)

[viajandonossoslivross.blogspot.com.br](http://viajandonossoslivross.blogspot.com.br)

[www.submersaempalavras.com](http://www.submersaempalavras.com)

Curta nossa Fanpage:  
[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)





Livro

## O CLUBE DE LEITURA DE EDGAR ALLAN POE

Ademir Pascale

Suspense, medo e sustos com *O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe*

Em meio a perseguições, em que a maneira de o autor descrever o clima psicológico que se abate sobre os personagens deixará o leitor sem fôlego. Ademir Pascale, neste livro, conseguiu unir suas duas paixões: literatura e Edgar Allan Poe. Claro, Pascale se diz também apreciador de pizzas, que igualmente aparecem no texto, mas essa minúcia não será explorada aqui.

---

**O** que quero deixar claro nestas linhas se prende à verve literária do autor, ou seja, Pascale sabe como contar uma história. E o faz sobre um alicerce temático de que é grande conhecedor e

expoente: estrutura uma trama na qual uma teia de referências ao criador do gênero policial vem urdida a todo momento, externa e internamente, isto é, desde os títulos dos capítulos, as menções a trechos de poemas, até o modo

de os personagens se vestirem e viverem.

Essa teia referencial materializa a paixão do escritor pelo autor de *O Corvo*, o que vem a comprovar o fato de Pascale usar com total propriedade uma das máximas de escrita segundo a qual não basta dizer, tem de mostrar.

Em outras palavras, Pascale não diz simplesmente: “Ei, eu gosto de Edgar Allan Poe”. Ele nos mostra, nos faz perceber que Edgar Allan Poe vem entranhado em todo o seu ser e o transfere para sua narrativa. Os membros do Clube de Leitura são apaixonados por aquela figura esquisita (refiro-me a Poe), conhecedores da vida e da obra do mestre.

Como se não bastasse essa paixão, Pascale ainda a insere em uma história sombria (agora, uma paixão à maneira de Edgar Allan Poe), em que um dos membros do Clube de Leitura desaparece e outros passam, gradualmente, a ser alvos de um maníaco. O clímax não poderia ser mais surpreendente.

Em meio a perseguições, em que a maneira de o autor descrever o clima psicológico que se abate sobre os personagens deixará o leitor sem fôlego, Pascale, como

excelente romancista, aproveita para apresentar algumas relações familiares e amorosas, cujo desfecho... bem, sugiro que você não perca mais tempo em ler o que se segue. Mas não terminou.

Gostaria de deixar registrados meus agradecimentos a Ademir Pascale por me convidar a escrever estas modestas linhas. Claro que estas não abarcaram ou, mais sinceramente, não lograram demonstrar a força narrativa com que o autor nos brinda, o que faz com que sejamos, pouco a pouco, envoltos por uma trama que flui com espontaneidade, com leveza, proveniente da pena de um escritor competentemente maduro.

O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe não só é um tributo memorável ao mestre como também um vigoroso elogio à leitura, aos livros, à literatura. Mais uma vez Pascale presta um inestimável trabalho literário, mesmo em um mundo que concede mais valor ao efêmero, às coisas que passam.

Sérgio Simka, doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP, é professor universitário desde 1999. Autor de cinco dezenas de

livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a coleção Mistério, publicada pela Editora Uirapuru. Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.

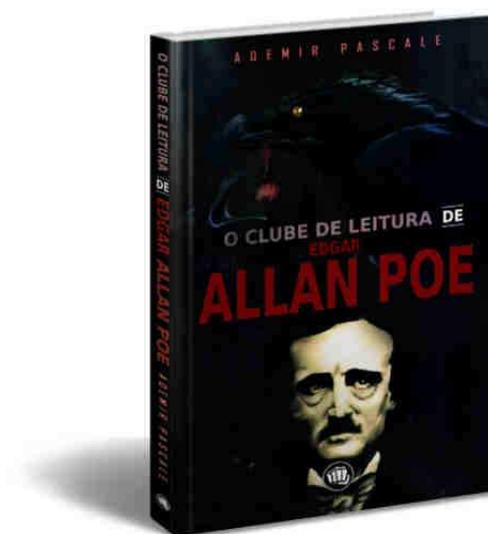
#### ENTREVISTA CEDIDA AO SITE NOTATERAPIA:

**NotaTerapia:** De que forma que a obra de Poe afeta a sua escrita? Diria que é mais pela temática, pelo estilo, ou ambos?

**Ademir Pascale:** Afeta de várias formas: pela temática que adoro, pelo estilo e por ter conhecido e estudado a biografia de Edgar Allan Poe. Posso afirmar que Poe inspira o meu trabalho e que adentrei nesse universo da escrita por ter conhecido a sua obra.

**NotaTerapia:** Agora sobre o seu mais recente lançamento, o romance O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe: como surgiu a ideia do livro?

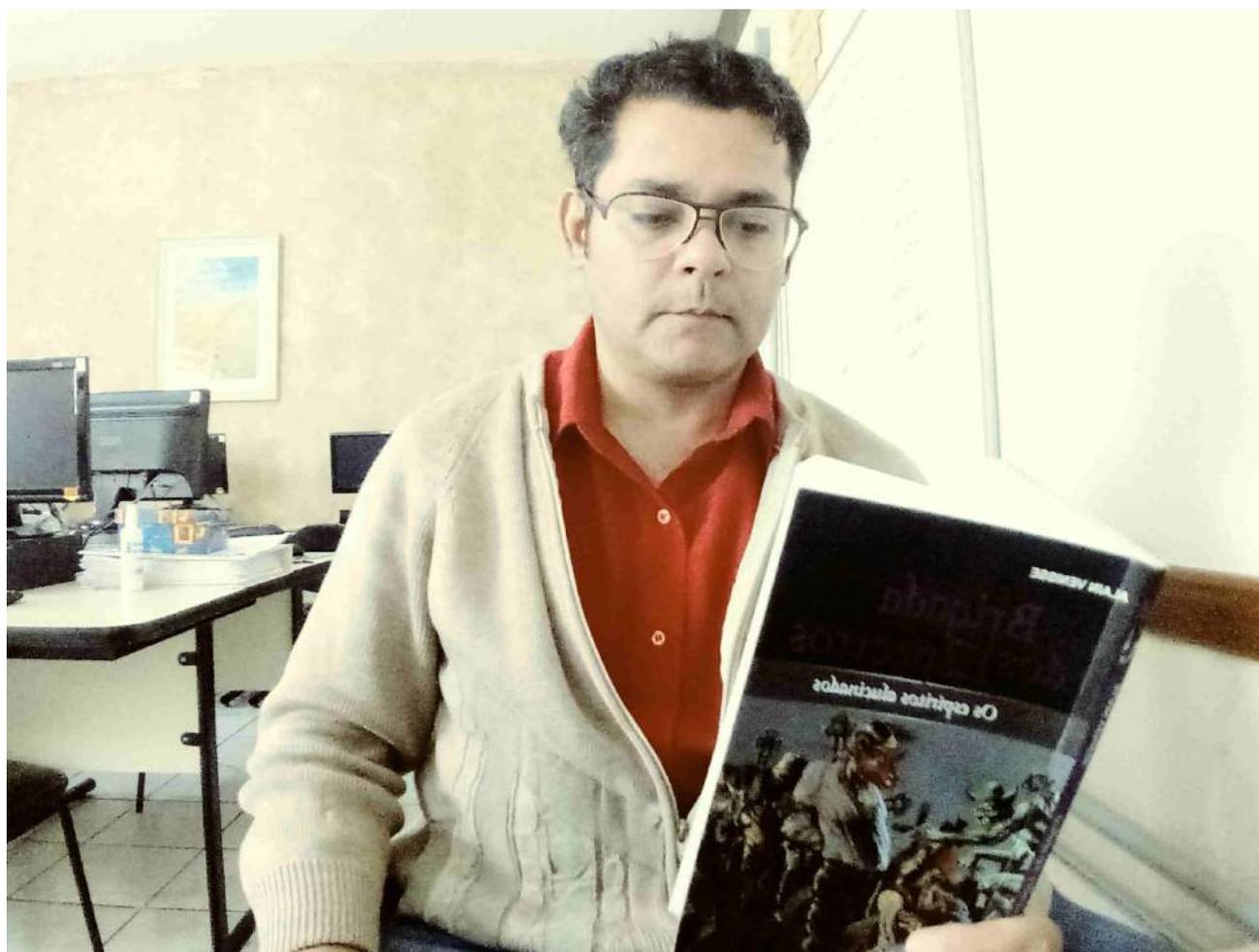
**Ademir Pascale:** A ideia surgiu em 2017. Escrevi as primeiras páginas durante os intervalos do



meu almoço no serviço. Mas incrivelmente o servidor queimou e perdi todos os meus arquivos. Lá estavam as primeiras páginas do meu romance, umas 40 páginas. Fiquei triste e só voltei a escrever esse romance um ano depois. Mas modifiquei a história inicial e acredito que ficou super legal. Começamos a divulgar a pré-venda no dia 1 de fevereiro e a receptividade dos leitores e fãs de Poe está sendo imensa.

**PARA LER NA ÍNTEGRA:**  
<http://notaterapia.com.br/2019/02/04/entrevista-com-ademir-pascale-sobre-seu-novo-livro-o-clube-de-leitura-de-edgar-allan-poe/>

ENTREVISTA CEDIDA AO TOMO LITERÁRIO:



Ademir Pascale – Foto divulgação

**Tomo Literário:** Como surgiu o seu interesse pelo escritor Edgar Allan Poe? Que obra dele é a com que você mais se identifica?

**Ademir Pascale:** Meu interesse pelo Poe surgiu na época da faculdade, nas aulas de Literatura Estrangeira. Minha professora era apaixonada por suas obras.

Depois eu também fiquei apaixonado, então comecei a ler cada vez mais e pesquisar minuciosamente a sua biografia. A obra que mais gosto é um conto que está mais para

novela, pois é longo: A queda da Casa de Usher.

**Tomo Literário:** Como foi o processo de construção do livro? Qual a etapa mais complexa?

**Ademir Pascale:** Montei uma estrutura simples: começo, meio e fim. Pensei na quantidade de personagens e a característica de cada um deles, mas é impossível definir uma obra inteira, pois algumas ideias surgem durante a escrita. No meu ponto de vista, o começo é sempre mais complexo. No decorrer dos dias,



a história vai fluindo e fica mais fácil de escrever.

**PARA LER NA ÍNTEGRA:**  
<https://tomoliterario.blogspot.com/2019/02/entrevista-ademir-pascale.html>

### **ENTREVISTA CEDIDA AO ASH VS EVIL DEAD BRASIL:**

**Ash Vs Evil Dead Brasil: Dentre todos os romancistas americanos, qual o diferencial que lhe fez despertar à admiração por Edgar Allan Poe?**

**Ademir:** A paixão que transparece em cada linha de suas histórias. Poe escrevia com vontade e pensava e repensava em cada palavra. Tudo era milimetricamente calculado. Por isso que sempre digo que além de escritor, ele também era gênio. Agregando a história da vida dele com suas obras, surge o escritor nº 1.

**Ash Vs Evil Dead Brasil: Qual foi a inspiração para a criação dos personagens do Clube de Leitura?**

**Ademir:** Os próprios personagens das histórias de Edgar Allan Poe, além de minhas vivências pessoais. Moro em São Paulo desde que nasci.

Trabalhei por anos nas ruas dessa grande cidade. Conheci muita gente e vi muitas coisas.

**PARA LER NA ÍNTEGRA:**  
<http://twixar.me/Jh63>

### **MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO “O CLUBE DE LEITURA DE EDGAR ALLAN POE”**

**Sinopse:** Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão

que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

**SERVIÇO:**

**Título:** O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe

**Autor:** Ademir Pascale

**Prefácio:** Sérgio Simka

**Editora:** Selo Jovem

**Gênero:**

Aventura/Horror/Detetivesco

**Ano:** 2019

**Site:**

<http://www.edgarallanpoe.com.br>

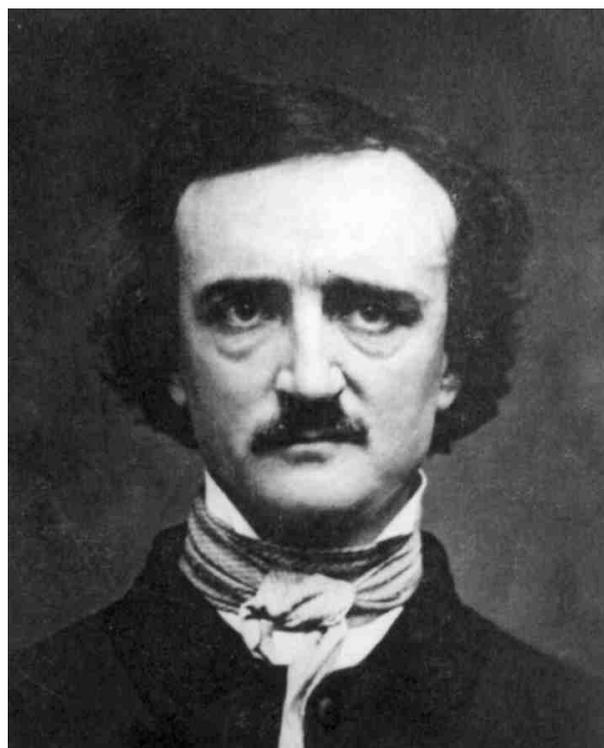
**Preço:** R\$ 20,80

**Para** **adquirir:**

<http://www.selojovem.com.br/pd-638e9f-o-clube-de-leitura-de-edgar-allan-poe.html>

**SOBRE O AUTOR ADEMIR PASCALE:**

Ademir Pascale é paulista, editor e criador da revista Conexão Literatura, escritor e ativista cultural. Já participou como organizador, editor, autor e coautor em mais de 40 livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. Fã nº 01 de Edgar Allan Poe. Organizador da coletânea "Possessão Alienígena" (Editora Devir/2019). Adora pizza e séries televisivas. Mantém os sites: <http://www.edgarallanpoe.com>.



**br** **e**

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>

**Facebook:** Ademir Pascale

**Instagram:**

<http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura>

**Twitter:**

<http://www.twitter.com/ademirpascale>

**Fanpage:**

<http://www.facebook.com/poesclub>

**SOBRE EDGAR ALLAN POE (1809-1849):**

Foi um poeta, editor, crítico literário e escritor americano, pai do gênero ficção policial, conhecido mundialmente por suas histórias ricas em mistério e

horror. Considerado como o primeiro escritor americano a tentar ganhar a vida através do seu ofício. Passou por inúmeros problemas e dificuldades: o pai abandonou a família assim que ele nasceu. A mãe faleceu quando ele tinha apenas 2 anos de idade. Adotado, passou a ser hostilizado pelo pai adotivo, abandonou a família e aproximou-se de uma tia, mas acabou apaixonando-se por sua filha de 13 anos, que era sua prima. Casou-se, mas o romance durou poucos anos, pois Virginia Clemm faleceu decorrente a tuberculose. Apaixonou-se novamente e tentou vários outros romances, mas todos fracassaram. Ganhava pouco publicando seus contos e poemas em folhetins. “O Corvo”, um dos seus principais poemas, rendeu-lhe apenas

alguns dólares. Passou seus últimos dias vagando sem rumo pelas ruas de Baltimore. Foi encontrado na sarjeta, delirando e usando roupas que não eram suas. Faleceu poucos dias depois com apenas 40 anos de idade, mas a causa de sua morte nunca foi definida, tornando-se um mistério. Poucas pessoas compareceram ao seu enterro.

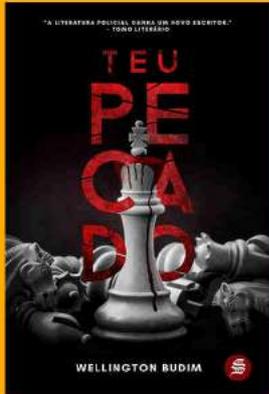
Para conferir mais matérias e entrevistas sobre o livro O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2019/02/o-livro-o-clube-de-edgar-allan-poe-vira.html>

Para conferir a playlist do livro: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2019/02/playlist-do-livro-o-clube-de-leitura-de.html>

Contato para mais informações ou novas matérias:  
[contato@edgarallanpoe.com.br](mailto:contato@edgarallanpoe.com.br)  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

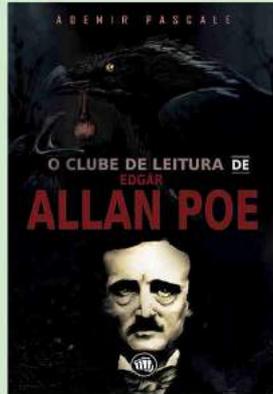


# LIVRARIA CONEXÃO LITERATURA



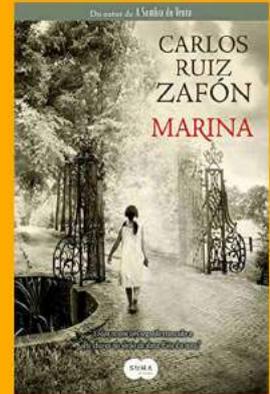
**Teu Pecado**  
Wellington Budim

Acesse



**O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe**  
Ademir Pascale

Acesse



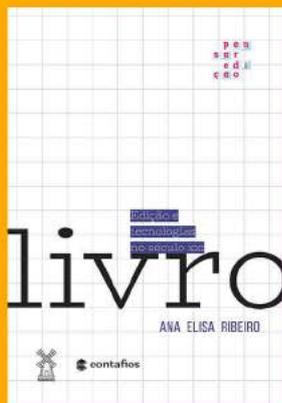
**Marina**  
Carlos Ruiz Zafón

Acesse



**Transtornos do Neurodesenvolvimento**  
Emanuele Freitas

Acesse



**Edição e tecnologias no séc. XXI**  
Ana Elisa Ribeiro

Acesse



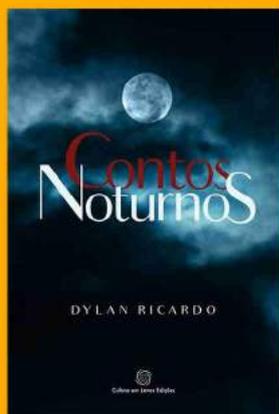
**Mestre das Marés**  
Roberto Causo

Acesse

“O sinal certo de um bom livro é que ele nos agrada cada vez mais à medida que envelhecemos.”  
– Georg Lichtenberg

Veja mais dicas de livros em nosso site:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)





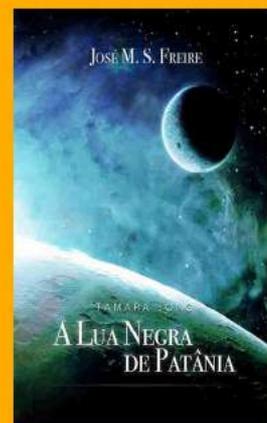
**Contos Noturnos**  
Dylan Ribeiro

Acesse



**Sentimentos de um balde**  
Jaqueline Debal

Acesse



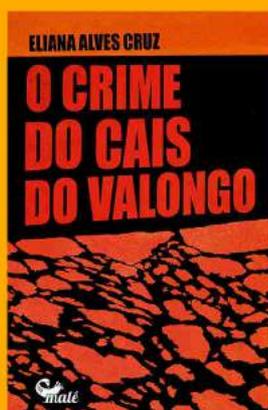
**A Lua Negra de Patânia**  
José M. S. Freire

Acesse



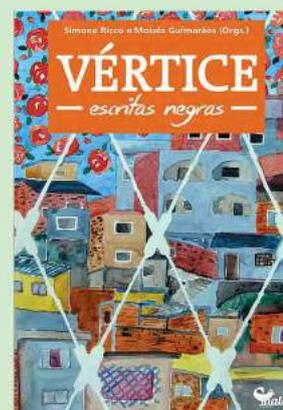
**Os Espiões**  
Luis Fernando Veríssimo

Acesse



**O Crime do Cais do Valongo**  
Eliana Alves Cruz

Acesse



**Vértice - Escritas Negras**  
Simone Ricco e Moisés Guimarães

Acesse

“Todos os dias deveríamos ler um bom poema, ouvir uma linda canção, contemplar um belo quadro e dizer algumas palavras bonitas.” – Johann Goethe

Veja mais dicas de livros em nosso site:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)





**ANUNCIE NA REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA**

**CLIQUE AQUI**



## RESENHA

Por Eudes Cruz

**O** escorpião costuma se abrigar da luz. Normalmente fica escondido sob pedras, entulhos, madeiras, materiais de construção ou até mesmo dentro de calçados e vestimentas. E como são comuns em áreas urbanas, podem ser encontrados no interior das residências ou nos terrenos ao seu redor.

Ser invertebrado artrópode, que pertence a classe dos aracnídeos, há em torno de 2000 espécies de escorpião no mundo. No Brasil

há cerca de 140 espécies catalogadas. A cauda do escorpião é a primeira coisa que nos vem à mente quando pensamos no animal. Cauda esta que carrega as suas glândulas de veneno, o conhecido ferrão. É através do ferrão que o escorpião injeta veneno, o que pode levar à morte, dependendo da espécie, vez que 30 das espécies de escorpião podem causar o fim de quem por ele é atingido.

Astrólogos dizem que as pessoas do signo de escorpião são

intensas, tem sentimentos profundos que as fazem viver com muita energia. Com emoções tão extremadas são aquelas que amam com verdadeira paixão e odeiam com imenso fervor. Pessoas de escorpião mantêm um certo clima de mistério no ar.

Como todos esses elementos em torno do escorpião, acrescente vingança. Esse é o tema central do novo livro de Soraya Abuchaim, *Ferrão de Escorpião*, publicado pela Monomito Editorial em 2018.

A obra traz quatro histórias independentes em que mulheres que sofreram diversos tipos de abusos resolvem matar a “sede” de vingança que as toma. Tal qual um escorpião elas decidem ferir seus algozes, tornando-os presas e paralisando-os. Fazem deles vítimas de sua crueldade.

A primeira história do livro surpreende. *Jabbah – Quelíceras*, inicialmente parece narrar a vida cotidiana de uma mulher comum, sem grandes sobressaltos, mas temos uma reviravolta apavorante, daquelas que nos deixam arrepiados. Intenso, insano e obscuro o conto faz uma abertura que eleva



a expectativa dos leitores em relação ao que virá nas próximas histórias apresentadas. E, garanto-lhes, leitores, vocês terão boas surpresas adiante.

Camila aparece em *Sargas – A Carapaça*, o segundo conto. Ela é uma jovem que carrega o sofrimento da não aceitação e a cena inicial a coloca numa igreja, em total desacordo e desconforto em relação ao poder que sua mãe exerce sobre ela e como a jovem encara todas as imposições. O conto toca numa questão delicada e que, infelizmente, é mais comum do que imaginamos. A jovem

Camila sofre com isso. A sua orientação sexual é tratada como doença, pior do que isso, como anormalidade.

“Sempre soube que enfrentaria obstáculos, mas o que mais lhe doía era saber que aqueles obstáculos vinham de quem deveria amá-la e protegê-la”.

O destaque do conto é que o desfecho não é óbvio e ainda é capaz de provocar reflexões em quem lê. O conto demonstra o terror psicológico que Camila sofre e desnuda a crueldade humana de quem não tem empatia pelo outro e que é incapaz de compreender aquilo que confronta sua miserabilidade. Como dizia Cazuzza em sua música, “pessoas de alma bem pequena”. Num dado momento a história parece caminhar para a conclusão e aí surge uma personagem enigmática. A abordagem sobre alguém que no linguajar comum “tem telhado de vidro” é bem interessante e o conto demonstra a hipocrisia.

Um ponto interessante para reflexão surge durante a leitura dos contos que estão presentes em Ferrão de Escorpião. Não são histórias sobre justiça,



portanto, leitor, cabe a nós percebermos que são tramas pautas em vingança. Apesar de todo o mal que as personagens sofreram ao longo de suas vidas e do mal que outros lhes fizeram passar, elas não estão buscando justiça, portanto, não cabe uma régua de ética para medir as suas ações.

A terceira história do livro é Shaula – O Ferrão. A trama revela surpresas para Charles que está indo ao encontro de uma mulher que conheceu. A autora consegue dar uma guinada na história nos pegando de surpresa e apresentando um desfecho inesperado. O fato de a

autora conseguir imprimir ritmo, estilo e tramas diferenciadas em cada conto que está no livro, torna a leitura ainda mais agradável.

Soraya Abuchaim fez um retorno em grande estilo. Os contos da publicação revelam-se bem arquitetados e com os elementos necessários para prender a atenção do leitor em histórias curtas: foco no personagem, narrativa clara e certa sem criar aspectos secundários que se perdem, deixa camadas secundárias citadas para provocar o leitor sem prejudicar o cerne da trama e apresenta reviravoltas que realmente surpreendem.

Graffias – As Pinças é uma reedição do conto Madrugada Macabra e tal qual os anteriores temos uma história coesa e coerente que fecha o livro de um modo intrigante.

São quatro histórias fascinantes que tratam de vingança e que ainda assim deixam ao leitor camadas para reflexão sobre outros assuntos. Veja-se o exemplo da segunda história em que temos uma mãe julgando a filha pela sua orientação sexual. Os assuntos que a autora coloca

nos contos são atuais, portanto lemos um livro contemporâneo e cheio de personalidade. O terror psicológico, os abusos, as agressões e a violência mexem com nosso senso de justiça. Vingança não é justiça, e essa linha tênue é trabalhada no livro provocando quem lê.

Cada uma das histórias surpreende o leitor de um modo diferente. Poderíamos pressupor que quatro histórias com uma mesma temática, num único livro, de uma mesma escritora, pudessem ser repetitivas, mas isso não acontece com Ferrão de Escorpião. Temos quatro histórias completas, singulares e que garantem uma excelente leitura.

Ferrão de Escorpião é leitura mais que recomendada!

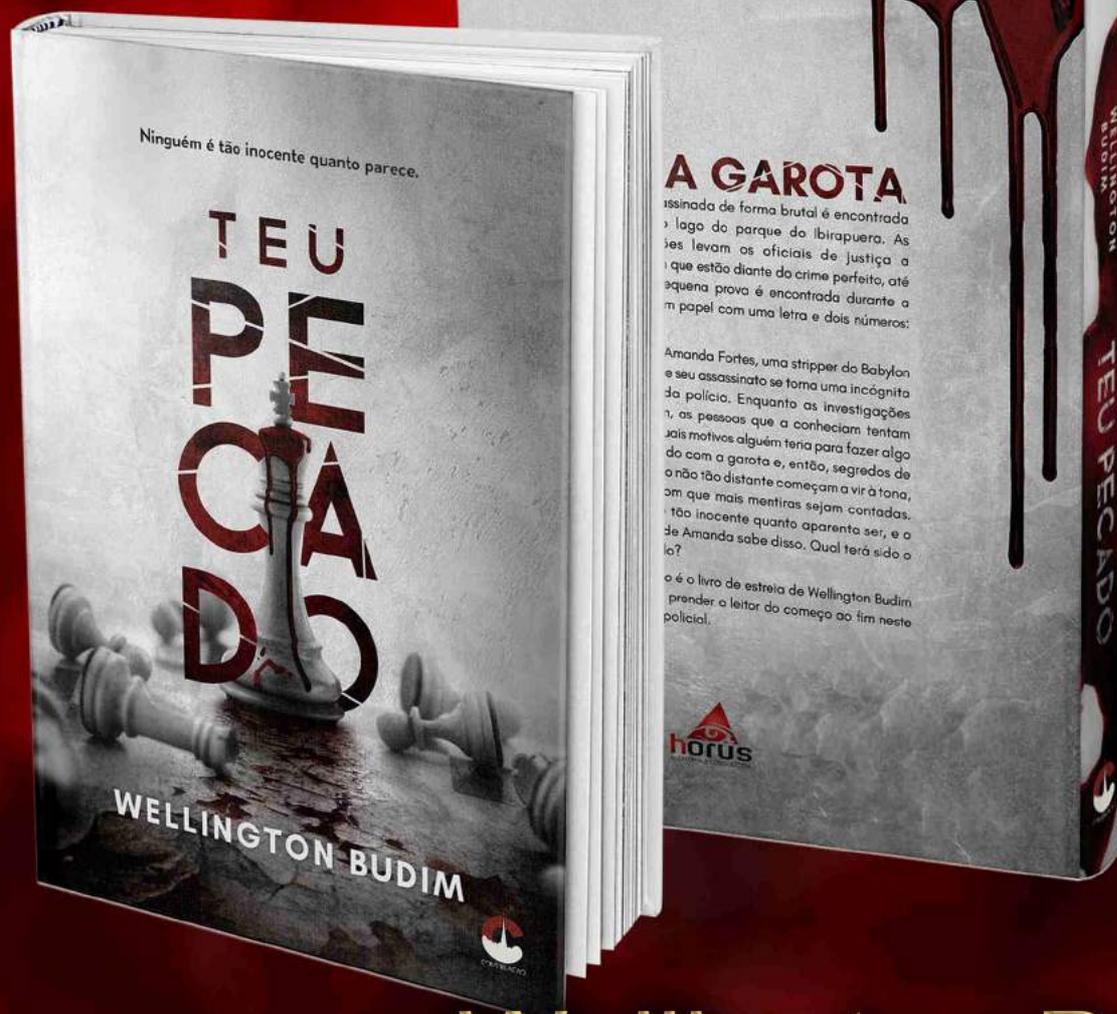
Sobre a escritora:

Desde muito jovem Soraya Abuchaim se apaixonou pelos livros. Não demorou para que de leitora voraz se tornasse uma escritora dedicada. Já nas primeiras histórias que escreveu, adotou Stephen King como mentor e mergulhou no mundo sombrio das narrativas de terror e suspense sobrenatural e

psicológico. Soraya vive em uma filha.  
Vinhedo (SP), é casada e tem

■ Ficha Técnica  
■ Título: Ferrão de Escorpião  
■ Escritora: Soraya Abuchaim  
■ Editora: Monomito Editorial  
■ Edição: 1ª  
■ Número de Páginas: 104  
■ ISBN: 978-85-923508-8-8  
■ Ano: 2018  
■ Assunto: Literatura brasileira / Contos

Eudes Cruz é paulistano. Gestor de processos atuou como coordenador de desenvolvimento de produtos. É apaixonado por livros desde a infância e se aventura por todos os gêneros literários, embora tenha predileção por suspense, terror e policial. Adora animais e reside na capital paulista. Blog: [tomoliterario.blogspot.com.br](http://tomoliterario.blogspot.com.br). E-mail: [tomoliterario@gmail.com](mailto:tomoliterario@gmail.com).



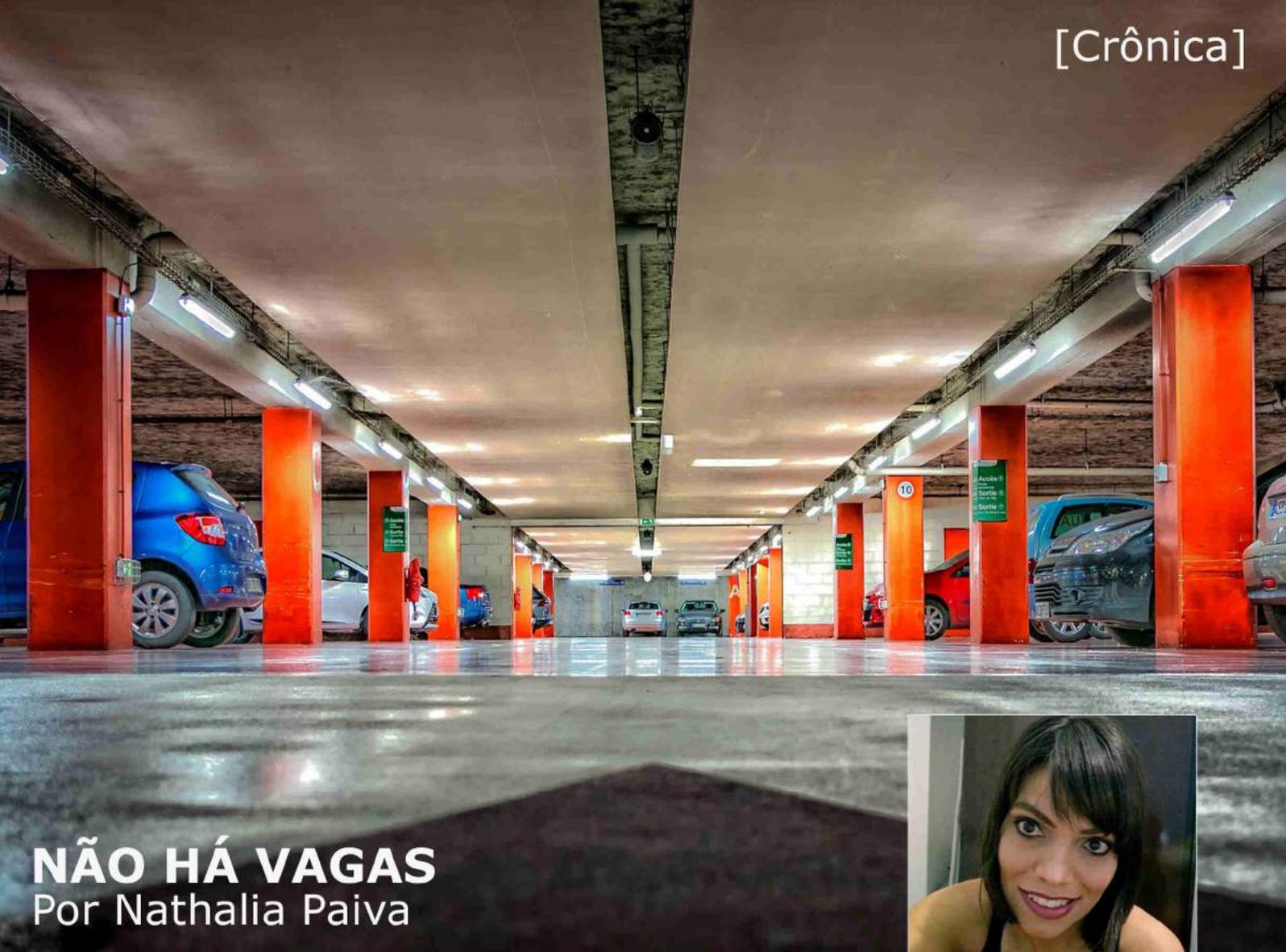
# Wellington Budim

## Sinopse

**Uma garota que foi assassinada de forma brutal é encontrada boiando no lago do parque do Ibirapuera. As investigações levam os oficiais de justiça a acreditarem que estão diante do crime perfeito, até que uma pequena prova é encontrada durante a autópsia. Um papel com uma letra e dois números: R67. A garota é Amanda Fortes, uma stripper do Babylon Night Club, e seu assassinato se torna uma incógnita nas mãos da polícia. Enquanto as investigações prosseguem, as pessoas que a conheciam tentam entender quais motivos alguém teria para fazer algo tão hediondo com a garota e, então, segredos de um passado não tão distante começam a vir à tona, fazendo com que mais mentiras sejam contadas. Ninguém é tão inocente quanto aparenta ser, e o assassino de Amanda sabe disso. Qual terá sido o seu pecado? Teu pecado é o livro de estreia de Wellington Budim e promete prender o leitor do começo ao fim neste suspense policial.**

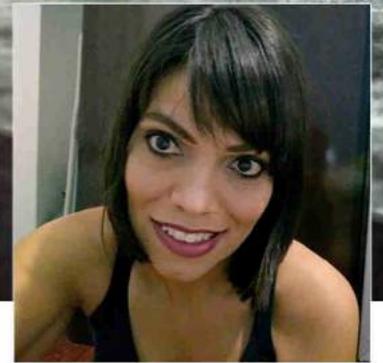
**SAIBA MAIS:**

**[www.facebook.com/teupecaodooficial](http://www.facebook.com/teupecaodooficial)**



## NÃO HÁ VAGAS

Por Nathalia Paiva



**N**ão há vagas. Definitivamente. Ao longo de minha vida como motorista, percebo que o problema de dirigir é parar. Gastamos tempo e gasolina rodando, procurando vaga.

Não quero aqui fazer coro aos meus exagerados conterrâneos ao afirmarem, de ciência certa, que nossa cidade possui a maior frota de carros do país! Ou a segunda maior. E que contamos

com o incrível número de 3 carros por pessoa ou 3 pessoas por carro, ou cada pessoa equivale a 2 carros ou 2 carros por pessoa. Não sei. São muitas estatísticas e muitos analistas. Mas deixando de rodar, voltemos a questão: não há vagas. Isto é um fato.

E não importa nenhuma medida da prefeitura como estacionamento rotativo e parquímetro. O que na verdade só piora, pois além de rodarmos

atrás de vaga, quando encontramos, tem que pagar.

Penso que este seja um problema de outras cidades também e na verdade, quanto maior a cidade, pior a situação.

Daí nos pomos a rodar em busca de parada e vamos em direção a ruas menos movimentadas.

Cheios de esperança. E, ao mínimo clarão de espaço, aceleramos.

Garagem.

E outra.

Outra.

E cada vez maiores.

Casas com duas garagens.

Carros estacionados em garagens, portanto, não há vagas.

Voltamos ao ponto de partida.

Até no texto rodamos e não achamos parada. Não há vaga neste texto para parar.

Ficarei então a pensar, e este assunto ficará rodando em minha cabeça e não haverá vaga para outros pensamentos.

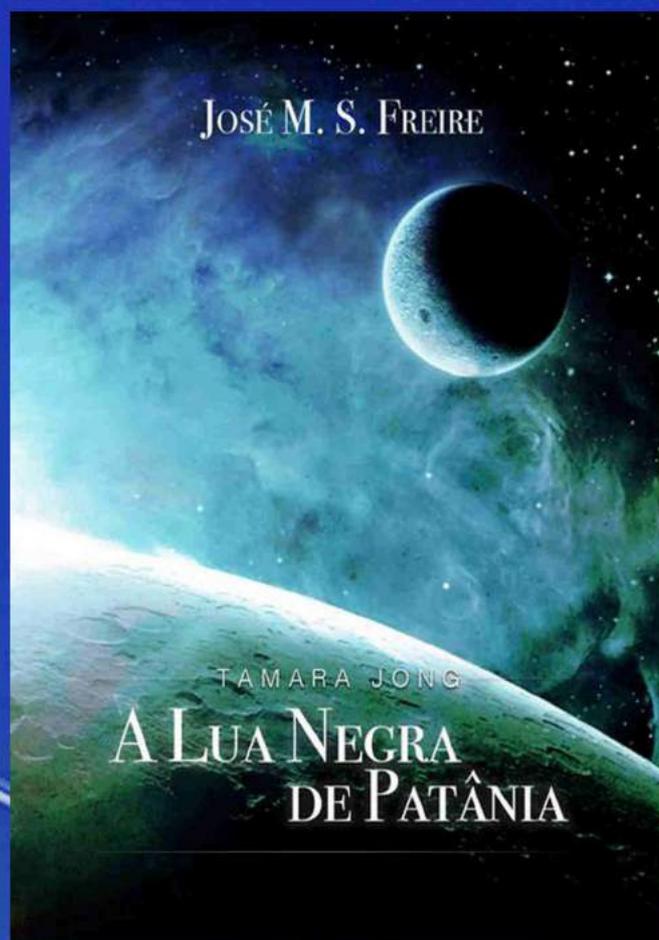
Em que momento acharemos vaga?

---

Nathalia Paiva: Escritora e Professora de História e Filosofia

De Volta Redonda/RJ observa o mundo e escreve crônicas. Instagram: [www.instagram.com/mais.umtexto](https://www.instagram.com/mais.umtexto).

E-mail: [nathapaiva@gmail.com](mailto:nathapaiva@gmail.com).



Muitas aventuras aguardam por você no terceiro e-book da saga Tamara Jong, do autor José M. S. Freire.

Para adquirir o livro: [clique aqui](#)





Por Marcos Pereira dos Santos

## O GÊNERO TEXTUAL-LITERÁRIO POESIA: UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA ENSINAR E APRENDER LITERATURA BRASILEIRA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

**L**iteratura e(m) poesia: duas faces de uma mesma moeda!

Este artigo científico tem como finalidade precípua defetuar de forma relativamente breve alguns apontamentos crítico-reflexivos concernentes ao gênero textual-literário denominado *poesia*, considerando-se esta como uma excelente alternativa pedagógica, de viés didático-metodológico, para ensinar e aprender Literatura Brasileira na escola de Educação Básica dos dias atuais.

Para tanto, faz-se mister, *a priori*, trazer a lume esclarecimentos atientes ao conceito de Literatura e de poesia (ou poema), no intuito de melhor contextualizar e compreender a temática abordada.

Dizemos isto, porque corroboramos com Gonçalves Filho (1990) ao asseverar que, no contexto do processo ensino-aprendizagem escolar de Língua Portuguesa, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, as noções de literatura infantil, literatura juvenil e literatura

infanto-juvenil, em particular, devem estar diretamente veiculadas aos fenômenos sócio-históricos, antropológicos, geográficos, filosóficos, psicológicos, epistemológicos e culturais analisáveis que possam responder às necessidades específicas de conhecimento sobre a realidade objetiva existencial concreta.

Daí a importância de se entender, em linhas gerais, que:

A Literatura teve sua gênese mais ou menos paralela ao surgimento da escrita, há milhares de anos atrás, sendo criada pelo homem com o objetivo de conservar a sua história através de epopeias e lendas, e controlar a Natureza, originando-se os mitos e as religiões. [...] Certas lendas e canções eram feitas oralmente e, neste caso, não existia um autor/escritor específico – a literatura era oral, anônima e coletiva. Somente com o surgimento da escrita é que a Literatura tomou forma e ganhou a figura do literato. Portanto, a Literatura nada mais é do que uma combinação de palavras com uma intenção estética [...]. Ela é invenção, e o autor/escritor cultiva essa realidade imaginária através de situações básicas da vida, sua visão de mundo, seu talento e sua sensibilidade. (MARTINS; LEDO, 2004, p.3)

É fato que ao combinarem-se as palavras e frases num texto literário, alcança-se novos sentidos e significados, expressos em formato de parábolas, metáforas e diferentes estilos/gêneros literários, sobre os quais o escritor acaba criando a sua própria realidade por meio da imaginação, da ficção científica. Ao criar a ficção, por exemplo, o literato pode até ‘fugir’ da realidade existencial, mas jamais da contextualidade, haja vista que em sua obra literária ou em seu texto literário devem estar sempre presentes alguns elementos linguísticos essenciais, quais sejam: *conteúdo*, que é a mensagem a ser veiculada por meio de um canal e código; as *ideias/concepções* que o autor/emissor almeja transmitir ao receptor; e *forma*, configurando-se como meio pelo qual o escritor empregou as palavras e frases para elaborar seu texto literário ou sua obra literária em si.

Face ao exposto, é profícuo salientar que a Literatura se constitui de diversos estilos ou gêneros textuais literários (conjunto de características comuns a um determinado número de obras literárias ou textos literários), os quais podem ser classificados, segundo Faraco e Moura (1993), Mainardes (2014) e Martins e Ledo (2004), em gênero narrativo, gênero lírico, gênero épico e gênero dramático; que, grosso modo, abarcam: epopeias, poesias (ou poemas), textos teatrais, contos, romances, crônicas, aforismos, ensaios, tragédias, comédias, tragicomédias, ficção, novelas, dramas, autos, sonetos, tercetos, poematos, aldravias, haicais, trovas (ou quadrinhas), cordéis, elegias, etc.

Um autor/escritor pode desenvolver determinado tema ou assunto utilizando qualquer um destes estilos/gêneros textuais-literários. Tudo irá depender da(s) necessidade(s), intencionalidade(s) e situacionalidade(s) vigente(s) em cada realidade histórica e literária oriunda da vida em sociedade; bem como das concepções de homem, mundo, cultura, Natureza, texto, contexto, literatura, escrita, gênero textual, alfabetização, letramento, língua, linguagem e linguística inerentes a cada literato escrevente.

Sem a pretensão de fazer apologia exclusiva ao estilo/gênero textual-literário *poesia* (ou *poema*), vocábulo derivado da palavra grega *poiétké*, cunhada pelo filósofo sofista clássico Aristóteles de Estagira (384-322 a. C.), significando arte (*tekhne*) no sentido literal do termo, (arte) poética ou arte mimética (ARISTÓTELES, 2015), somos levados a afirmar que a poesia, como estilo ou gênero textual-literário, se constitui em uma primorosa possibilidade pedagógica e didático-metodológica para ensinar e aprender Literatura (infantil, juvenil e infanto-juvenil) na escola brasileira de Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Isto deve-se ao fato de que o poema, de acordo com Goldstein (2017), contém diferentes constructos literários específicos (versos, estrofes, rimas, ritmos, sonoridade, encadeamento, pontuação, métrica, melodia, entonação, unidade, discurso, compassos, simetrias, assimetrias, figuras de efeito sonoro, níveis, signos, significantes, significados, dentre outros), que podem ser trabalhados em sala de aula, tanto na disciplina de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira quanto em outras disciplinas curriculares, em diversos contextos e situações do processo educativo escolar; a depender das

reais demandas e necessidades identificadas e dos critérios técnico-metodológicos e avaliativos a serem estabelecidos pelos professores no âmbito de sua prática profissional docente.

Recomendamos, pois, o uso didático-pedagógico de poesias em aulas de Língua Portuguesa, de modo específico, uma vez que as mesmas permitem aos docentes da Educação Básica escolar a abordagem de diferentes assuntos e temáticas atinentes a esta área do conhecimento, tais como: produção textual (individual e coletiva), análise de conteúdo, análise do discurso, estilos/gêneros literários, pontuação enunciativa, regência/concordância verbal e nominal, teoria literária, conjugação verbal, escolas literárias, comunicação oral e escrita, funções da linguagem, verbetes, denotação e conotação linguística, fonética, figuras de estilo e de linguagem, palavras homônimas e parônimas, prefixação e sufixação, análise sintática, derivação e composição de palavras, história da Literatura Brasileira e da Literatura Portuguesa, interpretação e análise de textos e excertos poéticos, dentre outros conteúdos curriculares programáticos.

Além disso, torna-se salutar que os professores da Educação Básica incentivem os alunos a elaborar poemas alusivos a temas diversos, a declamar poesias em saraus literários, a interpretar e analisar de modo crítico-reflexivo excertos literários e a participar ativamente de antologias literárias, visto que “como toda obra de arte, o poema tem uma unidade orgânica estabelecida, fruto de características que lhe são próprias” (GOLDSTEIN, 2017, p.5), o que implica assegurar que é pelo (des)contentamento com a realidade objetiva existencial concreta que o autor/escritor literário busca descrever a vida por meio de uma linguagem pessoal, coloquial, erudita e literária; porém se preocupando sempre com a compreensão de cada leitor(a).

Sobre este aspecto, Mainardes (2014, p.12) comenta ser “[...] relevante observar o predomínio de uma classe gramatical na construção de poemas, pois cada uma delas pode sugerir ideias, sensações e mensagens”; bem como expressar emoções, sentimentos, suspenses, efeitos de sentido, visões, concepções, significações, potencialidades, limitações, perspectivas e desafios diversos.

Quiçá que seja possível compreender que a poesia e o poeta devem ir para além do que seria uma simples resposta às doutrinações estéticas e ideológicas existentes em cada época histórica. Nesse contexto, o docente que somente se dedicar ao domínio de algumas

gramáticas tradicionais conservadoras e de uma história arcaica da Literatura estará fadado a não entender, de fato, a relação dialética e umbilical existente entre língua e linguagem, educador e educando, ensino e aprendizagem, e principalmente entre poema e Literatura.

Poema é vida, arte, cultura, estética, língua, linguagem, texto e contexto. Poesia é a expressão de uma realidade concreta ou ficcional, que permite ao poeta imaginar e criar, deixando vir à tona a sua sensibilidade, subjetividade e identidade própria (ALMEIDA CARA, 1989). Por intermédio do texto poético é possível libertar-se de muitas mazelas e emancipar-se.

Pensemos seriamente a respeito, *poe(ma)tizando* sempre!

## Referências

- ALMEIDA CARA, S. **A poesia lírica**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1989. (Coleção Série Princípios).
- ARISTÓTELES. **Poética**. 23.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura**. 2º grau. v.1. 13.ed. São Paulo: Ática, 1993.
- GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. 15.ed. São Paulo: Ática, 2017. (Coleção Série Princípios).
- GONÇALVES FILHO, A. A. **Língua portuguesa e literatura brasileira**. São Paulo: Cortez, 1990. (Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação Geral).
- MAINARDES, T. **Literatura paranaense em sala de aula: manual do professor**. Curitiba: Editora Inventiva, 2014. (Coleção Literatura Paranaense do Jornal Gazeta do Povo).
- MARTINS, P.; LEDO, T. O. **Manual de literatura: literatura portuguesa e literatura brasileira**. São Paulo: Editora DCL, 2004. (Coleção Guia Prático da Língua Portuguesa).

---

**Marcos Pereira dos Santos** – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Príncipe Real, Duque Paladino, Marquês, Embaixador, Comendador e Benfeitor Cultural. Pesquisador das áreas de Ciências da Religião e Ciências da Educação. Professor universitário em Ponta Grossa/PR. Escritor, trovador, poeta, cronista, ensaísta, articulista, antologista, aldravista e haicaísta ao estilo oriental. Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível nacional e internacional. Na área literária, é (re)conhecido pelo pseudônimo de “Quinho Caleidoscópico” ou “Quinho Calidoscópico”, participando ativamente de diversas antologias literárias Brasil afora e conquistando importantes premiações, troféus, medalhas de Honra ao Mérito, certificações e moções de aplausos. *E-mail*: mestrepedagogo@yahoo.com.br.

---

# Instrumentos de Cordas

---

*Marcio Stanley*

Luthier & Guitartech

- Restaurações -
- Reparos -
- Regulagens -

Para mais informações:  
(11) 98654-2747  
E-mail: [mark\\_stanley80@yahoo.com.br](mailto:mark_stanley80@yahoo.com.br)



# JOSÉ M. S. FREIRE

**Autor do e-book "Tamara Jong -  
A Lua Negra de Patania"**

**Por Ademir Pascale**  
ademirpascale@gmail.com



José Maurílio de Souza Freire nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1956. Sempre gostou da literatura de ficção científica. Esse tipo de leitura influenciou suas escolhas acadêmicas: É bacharel em Ciências Físicas pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduado em Análise de Sistemas pela PUC-RJ. Também chegou a fazer dois anos de mestrado em Física Nuclear. Trabalha como Tecnologista Sênior na Marinha do Brasil. Seu trabalho consiste em analisar a propagação do ruído irradiado pelos navios de guerra no ambiente marinho. Escrever relatórios técnicos o inspirou a criar esta série de ficção.

## ENTREVISTA:

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

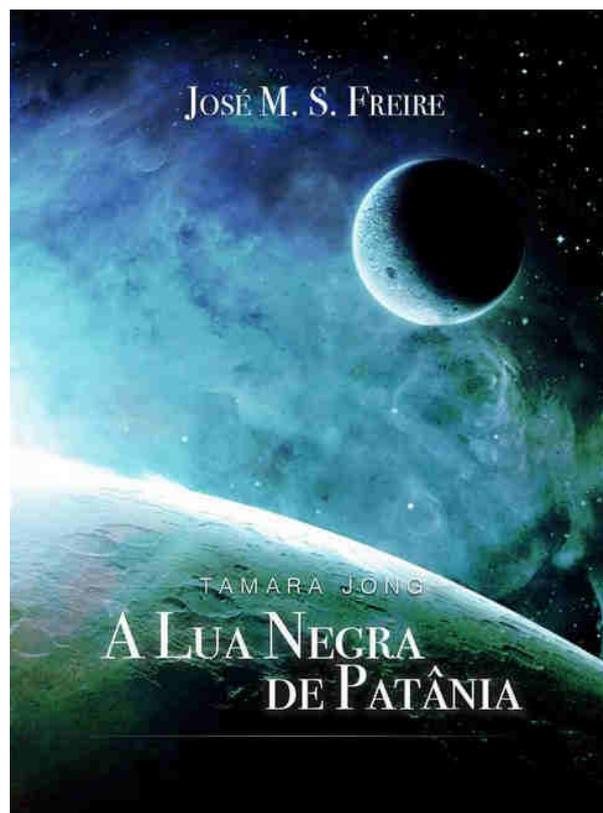
**José M. S. Freire:** Tudo começou em uma noite fria e chuvosa de junho de 2012. Eu estava em casa, degustando um vinho chileno e assistindo a um documentário sobre antigas

civilizações, e seus supostos contatos com os “Deuses-Astronautas”, quando, de repente, me ocorreu, segundo meus próprios conhecimentos de Física e minhas convicções a respeito do legado de seres alienígenas na Terra que, se realmente eles estiveram aqui, sua rota mais provável para superar as astronômicas

distâncias entre seus mundos e o nosso, só pode ter sido traçada através de portais interdimensionais, entre os quais os buracos negros e buracos de minhoca, previstos na Teoria da Relatividade. Mas, também, segundo os cientistas modernos, podem ser criados artificialmente com o emprego de sistemas de alta tecnologia.

A partir daí, eu fiquei imaginando se, assim como em certos sítios arqueológicos extremamente antigos, nos quais é aventada a existência desses portais no interior de templos ou formações de enormes megálitos, também na Floresta da Tijuca, onde eu costumava caminhar nos fins de semana, poderia haver algum indício da existência dessas passagens, em suas grutas ou recantos mais recônditos. A partir desse pensamento, me veio a ideia de criar uma história para explorar esta possibilidade.

Conexão Literatura: Você lançou recentemente o e-book “Tamara Jong: A Lua Negra de Patânia”, o terceiro da série Tamara Jong. Poderia comentar?



José M. S. Freire: Sim. O tema central deste livro está baseado em acontecimentos que ficaram implícitos no livro anterior, “Tamara Jong: A Jornada da Morte”. Durante uma arriscada missão dos rebeldes para salvar a vida de emissários estrangeiros, que o governador de Úlion, Guaxaltopac, pretendia assassinar para lançar a culpa do atentado sobre eles, Tamara foi separada do grupo de combatentes por um trágico evento. O que ficou implícito, deste lamentável episódio até o final do livro foi que, aproveitando-se do sumiço da brava terráquea, que chegou,

inclusive, a ser dada como morta por seus próprios companheiros, Guaxaltopac montou uma farsa muito bem elaborada de que a tinha feito prisioneira. A partir disto, ele conseguiu ludibriar o tenente Zorach, induzindo-o a se entregar em troca da liberdade de sua querida amiga. Agora, a missão dos rebeldes, de resgatar o oficial terá, como principal consequência, forçá-los a viajar para lugares longínquos do universo, vivendo aventuras inimagináveis, as quais, eu tenho certeza, prenderão a atenção dos leitores, brindando-os com momentos de tensão, suspense e magia.

**Conexão Literatura:** Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**José M. S. Freire:** Bem, na verdade minhas pesquisas, feitas antes de eu escrever o primeiro livro, “Tamara Jong: O Chamado de Úlion”, se resumiram em estudar um pouco sobre a Coreia do Sul, principalmente para conhecer nomes típicos e poder criar o nome dos parentes de

Tamara. Também li algumas coisas sobre seu estágio de desenvolvimento científico e tecnológico. Mas nada que eu já não soubesse, tipo, eles são donos de grandes marcas de carros, telefonia celular, televisores e eletrônicos em geral. Além de possuírem a banda larga mais rápida do mundo. Quanto ao tempo de escrita, levei um ano, aproximadamente, para escrever cada livro.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

**José M. S. Freire:** O trecho que eu acho mais legal é aquele em que os rebeldes estão viajando pelo espaço à velocidade maior que a da luz, pegando atalhos pelos buracos de minhoca que surgem em seu caminho até a Lua Negra de Patânia. É um trecho que eu descrevo desta maneira: “A sensação que os passageiros tinham quando entravam no buraco (de minhoca) era a de que estavam mergulhando em um oceano infinito de luz, onde seus corpos

físicos simplesmente convertiam-se de matéria sólida em energia pura. Naqueles lapsos infinitesimais de tempo, sentiam uma sensação incrível de que faziam parte de um todo imaterial, atemporal e adimensional. Depois, quando as naves eram expelidas pela abertura oposta, localizada em outro canto do universo, o balé cósmico recomeçava no interior de outra galáxia. Lindos astros coloridos, pulsantes e radiantes pareciam dançar ao som de uma música inaudível, em uma coreografia cósmica alucinante, que enchia o espaço de luz e cor”.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**José M. S. Freire:** Bem, o livro está à venda na Amazon e na Cultura, por enquanto só em e-book. Quanto a saber mais de mim e do meu trabalho, infelizmente eu ainda não tive tempo de criar um site ou blog

para receber os comentários dos leitores. Mas eu devo me aposentar em breve e, entre meus projetos, está a criação de uma página própria para interagir com meus futuros leitores. De qualquer modo, quem quiser me adicionar no facebook, tudo bem.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**José M. S. Freire:** Por enquanto, estou concentrado em dar prosseguimento à série. Atualmente estou escrevendo o quinto livro e dando uma última revisada no quarto, que eu pretendo lançar em breve. Só lamento que, até agora, os dois primeiros livros não tenham tido a receptividade que eu esperava. Fico desapontado com isto. Não por vaidade, ou pelo desejo de me tornar um escritor famoso. Não tenho estas pretensões. Mas acho que meus livros estão muito originais, com uma escrita leve e dinâmica, que não cansa o leitor. Os personagens são inteligentes, espirituosos, engajados socialmente e, sobretudo, são pessoas valentes e

leais a si mesmas e aos seus companheiros, que não se deixam abater pelas adversidades, estando sempre prontas a encarar os desafios que lhes são impostos, nesta árdua jornada para reconquistar a liberdade do povo uliano.

#### Perguntas rápidas:

Um livro: Dom Quixote de La Mancha

Um (a) autor (a): Miguel de Cervantes

Um ator ou atriz: Sônia Braga

Um filme: Dona Flor e Seus Dois Maridos

Um dia especial: O dia em que nasci

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José M. S. Freire: Gostaria de agradecer a revista “Conexão Literatura” pela oportunidade de estar aqui falando do meu trabalho. Acho que ela é um excelente veículo de divulgação e promoção da cultura em nosso país, sobretudo por valorizar as publicações de língua portuguesa, como tenho visto em suas edições. E, também, dizer que ficaria muito feliz se os leitores brasileiros comessem a valorizar mais os autores de ficção nacionais. Em muitos grupos do facebook que participei, vi, com certo pesar, o enaltecimento de autores estrangeiros há muito consagrados, inclusive, a maioria já morta, enquanto que os brasileiros, mesmo os mais conhecidos e bem-sucedidos, quase ninguém lembra.

# LIVRODESTAQUE

[www.livrodestaque.com.br](http://www.livrodestaque.com.br)

Especialista em  
divulgação de livros  
e autores

AND THIS IS HOW IT IS  
we go home  
and we shut our doors  
we don't sleep with them open  
for fear the world sees in  
really sees us  
sees our pain  
sees our mess  
sees the things we can't brush into place  
the art we create we're too afraid to show the world  
see our broken hearts  
we don't open our doors wide  
turn the spotlight on  
I say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend  
e. I'm not sleeping."  
at the white door  
middle  
all night.

# ABDUL ASSAF

**Poeta, escritor, artista plástico  
e professor de Língua  
Portuguesa**



**Por Ademir Pascale**  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Abdul Assaf – poeta, artista plástico e professor de Língua Portuguesa – oriundo de uma família de ascendentes libaneses e italianos vindas do estado de São Paulo, nasceu na cidade de Paranaguá, Litoral do Paraná, escreve e publica seus poemas e poesias há mais de 10 anos em jornais, portais eletrônicos e antologias. Seu dom poético surgiu durante o curso de letras da Unespar a partir de 2009, e daí em diante, não parou mais de compor tendo escrito mais de 2133 versos compostos com 130 poemas e poesias postados, visualizados e comentados por várias pessoas de todo o Brasil e do mundo, e agora prestes a lançar o inédito “Escribas da Alma” com o intuito de poetizar a vida.

## ENTREVISTA:

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Abdul Assaf:** Bem, o início em si começa por meio de uma série de influências no meu desenvolvimento de vida. Tudo

começa pelo meu pai que nas horas vagas, escrevia seus poemas e poesias na escrita árabe e ao longo do tempo, esta arte (na qual é o que eu assim, enxergo) começou a aflorar-se durante o curso de Letras no convívio com colegas e amigos que escreviam belos versos. Fui

tomando gosto pelo versar da poesia e um dia durante um festival de arte e cultura promovido pela Unespar, eu conquistei o primeiro lugar em um varal de poesias que homenageava a cidade de Paranaguá no ano de 2009, e na mesma época em que me formei. Depois, eu não parei mais de escrever poesias e poemas até os dias hoje cujo meu destaque atualmente deve-se às inúmeras publicações na coluna “Espaço Poético” no periódico da “Folha do Litoral News”, as dezenas antologias nacionais e internacionais em que participei, bem como, o bom uso da internet o qual, me foi possível há várias publicações pelo “Recanto das Letras” e a construção de uma fanpage e um blogue intitulado “Abdul em Prosa e Verso” em que se somando todos estes portais eletrônicos como um todo e incluindo as redes sociais, o público na atualidade já atingiu perto de 100 mil acessos. E com isso, foi possível chegar à publicação do inédito livro de poesias “Escribas da Alma” em

uma trajetória poética ao longo de uma década poetizando a vida.

**Conexão Literatura:** Será lançado em breve o livro de poesias “Escribas da Alma”. Poderia comentar?

**Abdul Assaf:** “Escribas da Alma”, como um todo, é a contemplação de uma vida baseada nos reflexos da alma humana, na qual, eu quis transformá-la em poesias onde o tempo é um tema recorrente relativo aos olhos de seu público com base em minhas experiências já vivenciadas, bem como, na interação com diversas pessoas em diferentes lugares por onde passei quer seja na minha região, quer seja em diversas regiões mundo afora. Em suma, é uma obra existencialista que faz um convite a refletirmos sobre o mundo em que vivemos.

**Conexão Literatura:** Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Abdul Assaf: Bom, como havia dito anteriormente, minhas pesquisas basearam-se em minhas experiências de vida, frequentando diversos ambientes por onde passei ao longo do tempo na interação com uma diversidade de pessoas com a qual, em geral, manifestam os seus anseios, desejos, vontades e sonhos cujo o tempo de conclusão deste livro levou em torno de uma década voltada a poesia, além de uma certa cobrança por parte tanto do meu público quanto de amigos e literários sempre perguntando “se eu tinha um livro publicado” “com uma vasta coletânea poética, por que não publicá-lo” e assim vai.

E após a minha participação na 24ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo em 2016, juntei metade de minha coletânea com a ideia da reflexão e do existencialismo e assim, surgiu esta obra significativa com um jeito diferente de fazer poesia fora do convencional.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Abdul Assaf: Eu gosto deste trecho da poesia “O Voo da Liberdade”: [...]Na vida/Somos pássaros/Voamos em liberdade /Num horizonte infinito[...] Se você observar, nós seres humanos, temos o poder de alcançarmos voos maiores para conseguirmos aquilo que desejamos em nossas vidas, basta ter perseverança e força de vontade na busca de seus objetivos, esta é a intenção do livro. E o barato de “Escribas da Alma”, é a identificação que o leitor fará de si próprio com cada poesia escrita e baseada no mundo em que vivemos. O que caracteriza ser uma “obra existencialista”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para saber mais sobre o seu livro e mais sobre você e o seu trabalho literário?

Abdul Assaf: Os leitores poderão acessar três diferentes portais eletrônicos que são o “Recanto das Letras” com o link: <https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=82178> pelo

site da UOL, pelo [facebook.com/poetaabdul](https://www.facebook.com/poetaabdul) e pelo meu blogue “Abdul em Prosa e Verso” que é <http://poetaabdul.blogspot.com>. Quem tiver interesse em contatar-me para apresentações ou palestras o meu e-mail é: [assafa200@gmail.com](mailto:assafa200@gmail.com) e o meu WhatsApp: (41) 99186-1485 e estarei à disposição de todos sem nenhuma restrição.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Abdul Assaf: Olha, como “Escribas da Alma” é a primeira obra literária de minha vida, existem sim, outros projetos em mente, tais como: “Sensações e Sentimentos, Pensamentos e Reflexos” na qual, trata-se de um livro poético inspirado no cotidiano da vida e que pode torna-se em um futuro próximo, uma continuidade de “Escribas da Alma”, bem como, um livro de frases de minha autoria, ainda sem título. E tem também, duas monografias polêmicas. A primeira intitulada “O Poder da Persuasão – Uma análise do

discurso do ex-presidente Lula” com a qual, um dos seus discursos é analisado mostrando como é possível convencer os eleitores durante o pleito eleitoral, e a manter-se no poder durante anos à frente no comando do Brasil. E a outra monografia intitulada “Fracasso Escolar” cujo livro mostra a triste realidade da escola no Brasil nos dias de hoje. Então, vem muita coisa interessante pela frente.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: A Descoberta da América pelos Turcos

Um (a) autor (a): Jorge Amado

Um ator ou atriz: Rosamaria Murtinho

Um filme: Ensaio sobre a Cegueira

Um dia especial: uma confraternização de família ocorrida ao longo desta década de agora no estado de São Paulo na qual, tive a oportunidade rever familiares que não nos víamos ao longo do tempo, bem como, membros que não os conhecia pessoalmente e desta maneira, foi possível poder

estreitar os nossos laços de família.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Abdul Assaf:** Na verdade, eu gostaria de agradecer a esta oportunidade em que me foi dada por vocês do “Conexão

Literária” em poder falar da minha trajetória, do que o público pode esperar desta obra inédita, bem como, os projetos a seguir em diante.

E tenham certeza de que meu livro “Escribas da Alma” vai marcar a poesia e a literatura brasileira, pois o intuito maior é “poetizar a vida”.

---

Para saber mais sobre o autor, acesse: <http://poetaabdul.blogspot.com>

# LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério.

Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido:

Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

## Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limboграфия" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br) ou [rschima@ig.com.br](mailto:rschima@ig.com.br)



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>



# Amigos Para Sempre

por Miriam Santiago

**L**aurence tinha pouco mais de 65 anos, mas a aparência era de um senhor de quase 75 anos, devido saúde debilitada, pois desde criança adoecia fácil, apesar da boa situação financeira, e nunca teve muita resistência, ficando doente com frequência.

Vivia sozinho e duas vezes por semana uma enfermeira o visitava para medir a pressão, verificar suas condições físicas e falar sobre outros detalhes. Mesmo assim, era uma rotina feliz, e não reclamava de nada. E desta forma Laurence foi sobrevivendo e comemorando cada

ano de vida. Só teve uma namorada e não conseguiu se casar. Esse grande amor conheceu no hospital fazendo hemodiálise e ela faleceu aguardando na fila de transplantes, ansiosa por um doador.

Naquela manhã de inverno de 2018, saudoso pelo passado, Laurence pegou um álbum de fotos e cuidadosamente abrindo cada página foi deixando as lembranças refrescarem sua mente. No começo de sua trajetória, as fotos com os pais, sempre presentes, em todos os momentos, foram as primeiras lágrimas a percorrer seu rosto. Depois

foi Laura, o grande amor de sua vida. As fotos do noivado o fizeram reviver toda aquela alegria que durou tão pouco! Ela lutou pela vida e nunca desistiu na ânsia de que conseguiria um doador para substituir um rim, mas o tempo foi passando e ela não mais resistiu. Desde então Laurence levantou a bandeira de campanhas em prol da doação de órgãos, conseguindo que muitas pessoas deixassem a ignorância e a desinformação de lado e se tornasse doador.

E a cada folha Laurence acariciou foto por foto. Cansado, largou o álbum numa mesinha ao lado da cama e deitou-se. Na manhã seguinte, ao guardar o precioso álbum eis que uma foto se desprende e, lentamente, foi planando até pousar suavemente ao chão. Laurence abaixa-se para apanhá-la e para sua surpresa, depara-se com uma pessoa que não se recordava.

Ao segurar a fotografia, Laurence senta-se na cama novamente para tentar recordar e flashes de tempos longínquos na capital paulista foram invadindo lentamente seu passado novamente...

...

Era o ano de 1975. Lembro-me que passara no vestibular para História na USP e iria começar as aulas. Logo no primeiro dia, devido à imensidão da universidade me perdi e cheguei atrasado à aula e assim também

aconteceu com um jovem, Arthur. E perdidos conseguimos encontrar a sala, surgindo a amizade.

- Arthur era belo, agora me lembro dele! Alto, de cabelos e olhos negros numa pele muito branca. Tinha dentes maravilhosos e um sorriso cativante. De pais separados vivia sozinho. Trabalhava e recebia um dinheiro proveniente do pai. Disse-me que a família inteira vivia no Sul do País. Nunca os conheci.

Arthur era resolvido em todos os aspectos e uma invejável certeza de todos seus anseios. Sua beleza sedutora o fazia estar sempre rodeado de garotas, além de outros aspectos: refinada educação, inteligência e fluência em vários idiomas.

- Há, Arthur, como me lembro de você! Faz tanto tempo, porque nunca mais nos vimos? – Indaga alto e em bom tom Laurence, com aquela saudade tremenda do grande amigo.

O sol já havia se despedido do dia, eram umas seis da tarde quando a campainha toca. A enfermeira Claudia ainda não tinha ido embora e recebe a visita, a moça o conduz até a sala e o anuncia. Laurence agradece e se despede de Claudia.

Laurence caminhava cada vez mais devagar e estava surpreso para rever seu velho amigo, ele mal se continha de felicidade, quando se depara com um jovem...

- Mas quem é você? — Indaga Laurence. — É filho de meu velho amigo Arthur? Onde ele está?

E Arthur nada fala, apenas caminha até Laurence e o abraça saudosamente após tantos anos! Ao apertar-lhe a mão e olhá-lo bem profundo nos olhos, Laurence dá um grito com a mão ao peito e cai ao chão.

O amigo senta-se para ampará-lo e o ajuda ao sofá.

— Não pode ser! Mas você está exatamente igual de quando nos conhecemos, como isso é possível?

— Bem, é uma longa história que não vale a pena — diz Arthur.

Mas Laurence insistiu. — Quero saber, já que você ficou todo esse tempo fora, desistiu do curso, não me procurou mais, foi muito sofrimento pra mim, que tenho passado por tantas coisas. Diga-me, você sumiu logo depois que fomos a um baile, disso me lembro e nada mais. Eu exijo respostas, diz Laurence.

— Então feche os olhos bem devagar e relaxe. E assim Arthur, que conduzia a memória do amigo hipnotizando-o com os dedos, deixou que a lembrança de Laurence viesse à tona lentamente...

... Ambos saíam do baile da casa de Renato, um colega de classe que chamou a todos para um bailinho em casa, muito comum na década de 70. O ano era 1977, dezembro, e a festa comemorava dois anos de faculdade.

Em determinado momento, um homem os importuna pedindo dinheiro. Estava bêbado e os rapazes continuam a andar. O homem então puxa uma faca e segura Laurence pelo braço, ameaçando-o. Enraivecido, Arthur manda o homem soltar o braço de Laurence e a faca, mas o indivíduo fala muitos palavrões e põe a faca no peito de Laurence.

Arthur rapidamente lhe dá um safanão com tanta força que o bêbado cambaleia já sem a faca e Arthur segura o braço de Laurence, o homem vai ao chão. Arthur imobiliza as mãos do homem sem deixá-lo se levantar.

Laurence grita para Arthur para deixar o homem, que naquele momento havia desmaiado. E Arthur grita que não, mandando Laurence partir.

Laurence insiste, quando Arthur se levanta e o empurra para bem longe, não conseguindo esconder sua transformação de personalidade e aparência, tentando desviar os olhos avermelhados; estava irreconhecível!

Laurence sai correndo e tremendo e se esconde atrás de um poste, junto a um carro parado na rua, a poucos metros dali... E num grito de pavor, Laurence abre os olhos e sai do transe da hipnose, sua memória estava desperta!

— Vamos Laurence, agora que pode recordar-se de tudo, termine o que viu, diz Arthur.

— O homem ainda estava desmaiado e vi você virar o corpo dele deixando-o deitado de frente, em seguida você encostou sua boca na dele tempo suficiente para deixá-lo de cabelos esbranquiçados. Aquilo foi demais para mim, sai correndo até em casa. Depois disso, nada mais me veio à memória, nem você.

— Isso mesmo Laurence, diz Arthur, eu apaguei de sua mente aquele episódio e também a minha pessoa.

— Que tipo de monstro é você Arthur? — Grita Laurence cheio de lágrimas aos olhos. Eu te amava como a um irmão! O único amigo de verdade e você fez isso comigo?

— Nossa história é remota há anos! Temos uma ligação muito forte de amizade, lá nos tempos medievais, quando fomos escravizados muito crianças e padecíamos de toda a sorte do mundo. Você era mais velho dois anos e me defendia, mas ficou muito doente e faltando-lhe forças e saúde para combater uma moléstia. E faltava tão pouco para sermos resgatados por um príncipe, que quando apareceu em nossas vidas, já era tarde demais para você, mas não para mim. Ele me levou para o seu castelo muito longe de onde vivíamos. E assim me deu comida, roupas limpas, e mais tarde, aos 15 anos, ele me fez uma oferta. Não consegui recusá-la e minha vida se transformou desde então, explica Arthur.

— E nos reencontramos muitos anos mais tarde, na graduação de História da USP e antes de apagar sua memória, eu lhe fiz a oferta exatamente como a recebi, mas você a recusou e então fui obrigado a apagar sua memória.

— Tudo isso é insano, diz Laurence com dor no peito.

— Não, eu faço a oferta mais uma vez Laurence, fique comigo, aceite-a e você não padecerá mais, está morrendo, bem sabes.

— E mais uma vez eu a recuso. Não posso aceitar isso, a me tornar sei lá o que, prefiro seguir o curso da vida, sei que faltam poucas horas, mas prefiro assim.

— Apesar de me achar um monstro, retribui tudo o que fez por mim ajudando-o bem distante a conseguir todos aqueles voluntários para suas campanhas, sempre estive a seu lado mesmo sem que você reparasse, e por isso, não posso vê-lo “partir” pela segunda vez, adeus meu amigo. E Arthur pega Laurence no colo e o coloca na cama. Chama a enfermeira e ajuda médica e vai embora.

Naquela mesma noite, antes de partir para o outro mundo, a imagem de Arthur veio pela última vez em sua mente.

Procurou não pensar o que era Arthur, e sim, na imagem do único amigo que tivera em toda a sua vida, pois todos desistiram dele ao decorrer

dos anos, zombaram de sua saúde, de sua fragilidade, e as poucas amizades foram intencionais.

E assim, Laurence segurou a foto do amigo e fechou seus olhos para sempre.



---

Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [miriansssantos@gmail.com](mailto:miriansssantos@gmail.com) .



**LIVRO**

**O CLUBE DE LEITURA DE EDGAR ALLAN POE**

**ADEMIR PASCALE**

*Você nunca viu um clube como esse*

[www.selojovem.com.br](http://www.selojovem.com.br)

[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)



por Roberto Schima

# O PEQUENO SER PRATEADO

**F**az muito tempo...  
A memória, principalmente com o avançar da idade, é capaz de pregar-nos muitas peças, distorcer alguns fatos, suprimir muitos outros, misturar sonho à realidade. Entretanto, aquele acontecimento em particular, quando eu tinha dezessete anos, jamais me esqueci; senão em todos os seus detalhes, pelo menos no essencial. Está vivo dentro de meu coração, de minha alma, como se tivesse acontecido agora há pouco. Porém, já se passaram trinta e cinco anos... Trinta e cinco! Uma vida inteira

praticamente... como uma canção distante ou um abismo profundo. Todavia, aquilo que ocorreu foi a ponte, o meu elo atual com aquele “eu” deixado para trás em uma eternidade de tempo. Foi o abismo devolvendo seu olhar para mim, sobre todos nós.

Atrever-me-ei a encará-lo novamente?

Ainda me recordo daquele brilho de obsidiana no terreno côncavo. Os cheiros incinerados partindo da mata. A gritaria ininteligível. Os relâmpagos. O medo. O cintilar de prata na noite. E,

principalmente, o zumbido penetrante, atravessando-me o cérebro de um hemisfério a outro repetidamente.

Mas, como dizem por aí, é melhor eu “começar do começo”...

Abro um dos olhos, apenas um...

E encaro.

\*\*\*

Eu retornava para casa como de costume. Era uma noite límpida, apesar de poucas estrelas serem visíveis. A vida na cidade e no subúrbio era assim. Além de sugar a vida da gente, roubava também as estrelas do céu. A primavera perfumava as ruas e as casas com o seu odor adocicado e morno. Era quase meia-noite. Sentia-me cansado de tanto estudar. Ficara enfiado o dia inteiro nos livros e apostilas, preparando-me para as provas vestibulares. A concorrência era pesada, ainda mais para alguém como eu, que viera do ensino público, e não via condições alguma de arcar com uma faculdade particular. Economizara um ano inteiro de trabalho, pedira demissão e, agora, custeava o cursinho e procurava estudar em tempo integral. Era tudo ou nada.

As pessoas dormiam em suas casas, vivendo o místico universo dos sonhos, ou, então, assistindo a algum

“enlatado” americano pela TV. As luzes das casas e dos postes projetavam sombras artificiais. Estava tudo muito quieto. Nas ruas, apenas o som de meus passos no asfalto fazia-se ouvir, fazendo-me recordar um poeminha que escrevera alguns meses antes, no outono, em um momento de solidão, incerteza e pieguice:

### *Passos no Outono*

*No caminhar solitário*

*Pelas ruas sombrias,*

*Apenas o som de seus passos*

*No asfalto se ouvia.*

*Eventualmente, o roçar do vento*

*Nas folhas fazia*

*Um estranho murmúrio*

*Que, na distância, sumia.*

*As nuvens cobriam a Lua*

*Em triste melancolia,*

*Enquanto as estrelas choravam*

*O dissipar da alegria.*

*O frio gelava suas faces,*

*Mas ele nada sentia.*

*As luzes ao longe se apagavam*

*E o fino sereno caía.*

*Lembranças na sua mente rodavam:*

*Sonhos, ideais, fantasias,*

*De um mundo perdido no passado,*

*De paz, pureza e harmonia.*

*No entanto o tempo voava,*

*E um novo mundo surgia.*

*Lembranças ficavam para trás.*

*Não há paz, pureza e alegria.*

*Seus passos se perdem na noite,*

*E ele tem que encarar o dia,  
Deixando suas pegadas no asfalto  
E as recordações na calçada fria.*

À medida em que me aproximava de casa, um sobrado geminado, quase na esquina e em um local elevado, pus-me a observar na distância as luzes perdendo-se no horizonte. Eram como lantejoulas bordadas em um curvilíneo tecido negro. Sentia-me vazio, calmo... não, calmo não, simplesmente exaurido, incapaz de focar o pensamento em coisa alguma. Andava devagar, saboreando a quietude, inspirando a noite para dentro de mim.

O silêncio era impressionante, quase sobrenatural: nenhum grilo, nenhum roçar de papéis nos fios de eletricidade, nada. Só o cansaço me fez não pensar no assunto. Minha mente fora absorvida pelos problemas de Matemática, Física e Química; decorando os difíceis nomes da Biologia e as regras gramaticais na aula de Português com suas infundáveis exceções. Em História, tivera aula sobre o Iluminismo e o Renascimento, períodos que trouxeram de volta a autoestima do ser humano, recolocando-o no centro do Universo enquanto a mais elevada criatura da Terra, obra e imagem de Deus. Não me consolou muito...

Fitando a abóbada, vi algumas estrelas tentando sobreviver na atmosfera poluída. A Lua também

brilhava palidamente; acho que era minguante, não sei ao certo agora.

Foi então que, repentinamente e de soslaio, observei um traço de luz riscar o céu como um giz mágico na lousa do espaço. “Meteoro”, pensei sem dar maior importância a princípio. Mas os meteoros desapareciam rápidos com a fricção, já que boa parte deles não era muito maior do que uma ervilha. Todavia, aquele “meteoro” em particular persistiu, cruzando o céu de leste a oeste. Apesar de eu continuar a não ouvir coisa alguma, o brilho daquele objeto foi aumentando, a ponto de iluminar os telhados e as ruas. E foi crescendo e crescendo. Meu torpor cedeu lugar a inquietação e ao medo. Por fim ele se perdeu atrás de algumas árvores distantes.

Quase no mesmo momento, um estrondo, uma onda de choque, fez o chão tremer e as damas-da-noite que enfeitavam a rua em que eu me encontrava farfalharem, ocasionando uma chuva de folhas e pétalas brancas. Perdi o equilíbrio na guia da calçada e cai. Esfolei os joelhos e as palmas das mãos que passaram a arder como se eu os tivesse encostado em uma chapa quente. Cadernos e apostilas esvoaçaram feito aves assustadas. Machucado, sujo e sentindo muita dor, recolhi meus materiais de escola conforme pude, sem desprender de todo os olhos da direção de onde supunha ter ocorrido

o impacto. Avistei luzes multicores explodirem de baixo para cima como grandes fogos de artifício.

Não demorou para as pessoas assustadas emergirem de suas casas.

— Ei, você! Ouviu só esse barulho? – perguntou um sujeito gordo de roupão listado a seu vizinho.

Este, um magricela alto, ampla calvície e óculos de lentes grossas, retrucou com uma voz fanhosa:

— Só surdo não escutou. Será que foi terremoto?

— Terremoto que nada. Olha ali atrás. Está vendo?

O magricela espremeu os olhos por trás das lentes.

— Que luzes serão aquelas?

— Como vou saber? Até parece que explodiu um posto de gasolina!

Uma moradora do outro lado da rua intrometeu-se:

— Acho que a minha televisão pifou... Diacho! Logo agora, na parte mais emocionante do filme... Droga! Quem pagará o prejuízo?

Ninguém respondeu.

Outras pessoas saíram, e mais outras, e mais outras...

Uma multidão se formou nos quintais, calçadas e ruas. Apesar do horário avançado, várias delas dirigiram-se em direção às luzes estranhas. Os “fogos de artifício” ainda iluminavam o céu, porém, em menor número agora. Outros grupos foram se formando e convergindo ao local do impacto, vindo dos bairros

circunvizinhos, aumentando as fileiras. Alguns iam de carro, a maioria foi a pé. Pareciam pequenos duendes atrás do pote de ouro no final do arco-íris. Eu, apesar de todo o cansaço, da fome, dos ferimentos, acabei me juntando a turba, pegando carona com um sujeito que nem conhecia, em um velho Volkswagen.

— Caramba! – exclamou ele. – Nunca ouvi nada parecido. Meu avô esteve na guerra e acordou sobressaltado, pensando que havia retornado ao passado, às trincheiras. Ele me disse que somente uma bomba de enorme poder destruidor poderia ter feito a terra tremer daquele jeito. Três vidros de minha casa se quebraram!

— Não creio ter sido uma bomba – respondi em meio a um bocejo, ao mesmo tempo em que procurava limpar o sangue das mãos. – Eu vi a coisa cair. Acho que foi uma espécie de avião...

— Barbaridade!... Vamos rezar para você estar errado... Ah! Como é o seu nome? Eu me chamo Eno.

— Eno?

— É... Como o sal de fruta..

— Meu nome é Roberto.

— Falou, Beto. Vamos lá!

Levamos mais ou menos meia hora para chegar ao local, num misto de curiosidade e mal pressentimento. Normalmente, faríamos o trajeto em cerca de dez minutos, porém, essa noite o tráfego aumentara

consideravelmente, principalmente nas proximidades do epicentro. Todos queriam saber o que havia acontecido, sem esperar pelo noticiário matinal. Havia algo de mórbido nisso, como aquelas pessoas a observar fascinadas uma briga de rua ou um acidente de trânsito. Era um dos lados obscuros da natureza humana, e nem chegava a ser o pior.

A queda ocorrera em uma região arborizada, perto das montanhas Macridi, umas das raras áreas que, por enquanto, escapara à gana imobiliária. Antes assim, caso contrário, as dimensões da tragédia seriam muito maiores. (Tempos depois, cheguei a conclusão de que a queda em uma área despovoada não fora obra do acaso.) Focos de incêndio persistiam aqui e ali. Muitas árvores e arbustos foram queimados; muitos troncos, derrubados, obstruindo o caminho. Deixamos o Volkswagen atrás de uma fileira de carros. Mal conseguíamos respirar à medida em que nos aproximávamos a pé do centro do desastre. Quando faltavam uns duzentos metros, separamo-nos um do outro. Não foi intencional. Chegou um ponto em que não havia mais iluminação pública, nenhuma claridade, exceto a da Lua e, agora, alguns fochos de lanterna. Estava escuro. Muita gente se atropelava. Muitos pés pisoteavam pedras e folhagem morta. Sons de galhos sendo partidos vinham de toda

parte. Murmúrios, respirações tensas, movimentos arrastados.

Cheguei a perguntar-me o que estava fazendo ali. Por que não tinha ido para casa tomar um banho, jantar, dormir, repor-me para o dia seguinte que não se mostraria menos cansativo? Eu seria tão mórbido quanto aqueles outros aparentavam ser? Procuraria alguma forma de conforto na desgraça alheia? Não pude responder. Senti-me conduzido por aquele impulso, feito um trem desgovernado, um entulho arrastado pela corrente. Somente seguia o curso, incapaz de voltar-me contra ele nem de encontrar um remanso.

Finalmente, suado e sujo, atingi o local. O cenário era de absoluta destruição. Era difícil não tropeçar em algo, um pedaço de tronco, alguma rocha, qualquer coisa. Os “fogos de artifício” – ou fossem lá o que fossem – tinham parado. Havia uma enorme cratera fumegante. O chão ao redor da borda tinha se elevado e ainda estava quente. Vapores coloridos subiam, tênues, condensando-se rapidamente, formando uma névoa rasteira. Não vi destroços de metal ao redor, corpos ou qualquer outro indício indicando a queda de um avião. Agradei por isso. As pessoas que haviam chegado primeiro formavam um anel de vultos fantasmagóricos ao redor da cratera. Ofegante, aproximei-me cautelosamente delas. O calor era

quase insuportável. Galhos e arbustos crepitavam. Algumas pessoas mais lúcidas e menos egoístas cuidavam de evitar a propagação das chamas. A maioria, entretanto, olhava de maneira fixa para o interior da cratera. Havia espanto, incredulidade, em seus semblantes. Aproximei-me mais. Não foi fácil: o terreno tornara-se mais íngreme e havia muita terra solta. Ainda estava quente, muito quente. O suor aumentava a cada passo. Sentia a camisa colada ao corpo. Já perto da borda, apurei a vista e, em meio à neblina, eu também vi.

Foi como olhar para as profundezas de um abismo. O abismo dentro de cada um de nós. “Caldeirão do Inferno” não seria uma expressão descabida.

E, no interior desse caldeirão, em meio ao nevoeiro, um objeto de aparência metálica, todo prateado e de grandes dimensões encontrava-se parcialmente destruído e enterrado no solo calcinado. Como parte de sua estrutura conseguira sobreviver a tão violento impacto era um mistério. Usar o termo “estrutura” de imediato levaria a conclusão de ser algo artificial, desenhado e construído por mãos inteligentes – ou algum apêndice de função similar -, todavia, naquela ocasião tanto poderia ser uma espécie de aparelho quanto algum tipo de ovo, ou até um geodo desconhecido. Poderia ser qualquer

coisa e nenhuma delas. Ninguém sabia e sequer conseguia pensar com clareza. A maioria olhava boquiaberto, hipnotizado, enfrentando a alta temperatura para satisfazer a própria curiosidade. O perigo era enorme: o centro da cratera ainda deveria estar tão quente quanto chumbo liquefeito. Se alguém pisasse em falso e escorregasse para o seu interior... As dimensões daquilo eram comparáveis as de um navio pesqueiro, daqueles que se viam no porto de Santos ou saindo da Boca da Barra, em Itanhaém, aonde minha família costumava ir nos finais de ano, antes de meus pais se separarem. Seu formato era o de um cilindro com as extremidades arredondadas, uma drácea gigante. Sua superfície era aparentemente lisa, sem quaisquer sinais de portas ou janelas, bem como de estruturas metálicas semelhantes a asas, antenas, radares, etc. Havia rachaduras provocadas pelo impacto, mas nada podia ser distinguido através delas, fosse pela distância ou pela alta temperatura que fazia o ar ao redor bruxulear. A visibilidade era ainda dificultada não só pela baixa luminosidade, mas pela fumaça e pela névoa que emanava da cratera. Várias pessoas haviam levado lanternas, mas seus fochos eram insuficientes. O que permitia ver o objeto com alguma clareza era o luar e, principalmente, um brilho fraco

emanado dele próprio. As cores alternavam-se como em um arco-íris: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil, violeta, vermelho, alaranjado... Um ovo, mesmo alienígena, poderia fazer isso?

Olhei para os lados. Alguns traçavam comentários sobre a natureza do objeto. Faziam-no em sussurros, como se suas vozes pudessem perturbar algo que não devesse ser perturbado – semelhante a se falar baixo dentro de um cemitério. Vi o rosto de um homem velho avermelhar-se, alaranjar, amarelar... Ele respirava profundamente, com dificuldade, olhos muito abertos. Parecia uma criança frente a uma inusitada descoberta. Eu mesmo sentia meu coração bater rápido, preso de uma grande excitação. Alguns sujeitos, mais impetuosos, queriam descer, mas a temperatura elevada não permitia. Se bem que, no fundo, deveria ser só bravata para tentar impressionar um amigo, um estranho, ou, mais provavelmente, algumas jovens.

As cores foram se modificando com rapidez crescente. A expectativa também foi crescendo em idêntica proporção.

Vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil, violeta, vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil, violeta...

A névoa abriu-se por um momento ao redor da coisa. Notei que o solo ao redor também refletia seu brilho, parecia liso, polido.

Quem conversava se calou.

Olhares atentos.

Expectativa.

Sibilo.

Houve um som abafado de ar sendo expelido, como se um velho sarcófago estivesse sendo aberto. Um “ooohhh!!!” partiu da multidão, fazendo coro àquele silvo. Alguma coisa havia ocorrido, mas o nevoeiro retornara, não permitindo ver nitidamente. Foi preciso esperar cerca de dez minutos. Rajadas de vento percorreram a região. A névoa dissipou-se, não de todo, mas o suficiente. Então...

— Uma abertura! – gritou alguém. – Abriu... Olha lá!

Um murmúrio de espanto ondulou através da multidão.

Eu vi.

Não era uma rachadura como as que já tinham na superfície do objeto. Era regular, pouco acima da camada de neblina. Ovo algum seria quebrado assim. Pensei em correr dali, porém, foi o pensamento de uma fração de segundo. Sabia que não sairia, que as pernas não obedeceriam. Era como estar preso ao olhar de uma serpente.

Ao meu lado, percebi com asco que o velho babava pelos cantos da boca. Emitia uns grunhidos

esquisitos como se fosse um animal encurralado. De alguma maneira e cada qual ao seu modo, fomos tomados por sentimentos e reações primitivas. De um canto nas sombras, alguém chorava.

Repentinamente, mais de uma pessoa percebeu um movimento vindo do fundo da cratera. Daquela abertura surgiu algo. Um novo murmúrio percorreu a multidão, desta vez mais alto. Gritos.

— Ali! – apontou alguém.

Mais gritos. Grupos agitaram-se. Um dos valentões, que havia pouco fizera menção de descer, perdeu o equilíbrio e quase caiu, porém, foi salvo por uma mulher de meia-idade. Toda bravata se foi, e ele desapareceu na multidão.

Surgiu, por fim...

... a criatura.

Uma figura, um ser humanóide, envolto em um tipo de escafandro prateado, semelhante aos usados pelos bombeiros quando entram no fogo. Só que o escafandro do ser era mais justo acompanhando os contornos de seu corpo. Ele era baixo, medindo talvez um metro e meio de altura, com a cabeça desproporcionalmente maior se comparada a de um ser humano, e as pernas desajeitadamente mais curtas. Nenhuma parte do ser era visível, ele era todo prata cambaleante.

As pessoas olhavam assustadas e incrédulas as óbvias tentativas da

criatura em sair da nave. Meio que rastejando, ela rolou e caiu com um baque abafado no terreno fervente. Seu corpo sumiu em meio às fumarolas. Quando conseguiu erguer-se, ficou visível apenas do peito para cima – ou algo que poderia ser chamado de peito.

Aos tropeços, afastou-se na nave. Escorregou. Surgiu outra vez. Tentou escalar a cratera. Então, extraordinariamente, deu-se conta da presença dos curiosos mais acima, na borda, que a tudo observavam. Acenou freneticamente. Emitiu sons fracos e agudos, como um rádio antes de ser sintonizado. Esse estranho som, embora de baixa intensidade, penetrou profundamente em meu cérebro. Foi como se percorresse todos os seus recantos, vasculhando, sondando; como um grito na nave de uma catedral vazia. Sacudi a cabeça, incomodado pela comichão que estava sentindo. Reparei nos outros ao redor, e vi que estavam sentindo o mesmo.

Mais gente chorou.

Outros gritos.

Alguns fugiram.

Todos ficaram sem saber o que fazer, como que congelados no tempo, um vasto iceberg humano.

Algo de inacreditável, de grandioso, embora trágico, estava acontecendo diante de todos nós; algo que ultrapassava a capacidade de compreensão do indivíduo comum

e até daqueles que se julgavam mais espertos, mas, principalmente, algo de urgente precisava ser feito.

A criatura escalava desesperadamente a cratera, dificultada pela terra fofa e quente. Seus movimentos eram diferentes, hesitantes, talvez estivesse com dor. Fazia lembrar um alpinista prestes a atingir o cume do Everest, e cujo último cilindro de oxigênio esgotara-se.

Vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, violeta, vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil, violeta...

Algo precisava ser feito.

Alguém tinha que ajudá-lo. Gostaria de dizer aqui que eu fui esse alguém, porém, não fui. Eu estava tão amedrontado quanto qualquer um ali. Tão estupidificado quanto o mais estúpido dos presentes. Meu lado primitivo fez-me agir com uma mentalidade de cardume, querendo só perder-me em meio a multidão. Que outro o fizesse, e não eu. Desde criança, eu sempre fora o último a ser escolhido nas aulas de Educação Física na hora de formarem os times. Um dos alvos preferidos de trotes e apelidos de mau gosto. Eu só queria ficar invisível. Mas também queria ver. E via que alguém precisava tomar uma atitude.

Então, naquela noite quente de primavera, em um subúrbio da zona leste de São Paulo, alguém tomou:

— Matem o monstro! Matem o monstro! – foi o grito que ecoou na escuridão, nas montanhas, por entre as árvores e arbustos calcinados.

Outras vozes fizeram-lhe eco.

— Vamos matar o monstro!

Uma corrente elétrica percorreu a horda, como se esta fosse desperta de um sono profundo. Transformou-se em uma entidade coletiva, um enxame de abelhas africanas. Emoções represadas afloraram. A maioria passou, então, a acotovelar-se na beira da cratera, atirando pedras, troncos e tudo o que estivesse a mão.

Senti-me empurrado, amassado, pisoteado. Uma cotovelada no meu estômago, vinda só Deus sabe de onde, tirou-me todo o ar. Ondas de dor afogaram meu grito de protesto a meio do caminho. Meus olhos lacrimejaram. Mãos oportunistas vasculharam meus bolsos. Meus cadernos voltaram a esparramar-se, porém, sem chance de alçarem vôo no meio daquela gente.

Os sons agudos continuavam. Um milhão de mosquitos alvoroçados dentro da mente.

Um tiro ecoou, depois outro e mais outro. O maldito que trouxera o revólver descarregou-o completamente.

— Acertei! Acertei! – gritou o miserável, triunfante, em meio aos gritos de aprovação de vários e o silêncio estupefato de poucos.

Infelizmente, não consegui avistá-lo na multidão difusa daquela noite, muito menos saber seu nome. Valeria a pena registrar para a história o nome do facínora. Não que isso fosse, viesse ou venha adiantar muito...

Eu havia me arrastado até próximo a um tronco chamuscado. Respirando com dificuldade, imundo, ainda sentindo muita dor e com algumas escoriações, tentei recompor-me da melhor forma. Olhando para a borda da cratera, vi os vultos fantasmagóricos ao redor daquela fraca claridade em rápida mudança de cores. Por um breve instante, pareceu-me estar presenciando um sabá de bruxos e demônios da velha Europa, dançando ao redor de um caldeirão infernal, cozinhando criancinhas, pulando e gritando em perda histeria. Não foi uma comparação das mais justas. Muitas mulheres idosas e solitárias, que viviam com seus animais, suas ervas medicinais e alguma eventual excentricidade, foram tachadas de feiticeiras, perseguidas, torturadas e assassinadas por gente que se julgava santo. Gente como a que eu, agora, observava, movido por semelhante estupidez e crueldade; a mesma mentalidade de gado, a imitar o seu próximo no estouro da boiada..

Ao menos disso, eu não participei. Se carreguei uma culpa, foi a de nada ter feito para evitá-lo. O

juízo e a sentença virão em breve. Para a infeliz criatura das estrelas, não fez a menor diferença.

Do interior da cratera vieram sons. A princípio um som agudíssimo, depois outro e mais outro. Feriram meu cérebro mais do que meus ouvidos. Um objeto rolou: o corpo. Gritos de júbilo partiram da turba. O alternar de cores tornou-se mais frenético; e a luz, mais intensa. A temperatura começou a subir rapidamente.

— A coisa tá queimando! — berrou alguém. — Tá queimando!

Houve um princípio de pânico. Instintivamente — mentalidade bovina ainda em funcionamento —, as pessoas correram. Algumas caíram e foram pisoteadas. Folhas mortas esvoaçaram. Galhos secos foram partidos. Vi boquiaberto pequenos relâmpagos surgirem da cratera como se fossem pernas de uma tarântula fantástica, tateando, procurando. Uma bolha de luz alaranjada foi emergindo aos poucos, formando uma cúpula incandescente. O calor era abrasador e estava aumentando. Arrastei-me de lá o mais que pude. Automóveis partiam. Pedestres, em meio ao empurra-empurra, atropelavam-se. Os relâmpagos intensificaram-se, acompanhados de trovões. Um odor elétrico misturou-se ao cheiro de queimado. Repentinamente, uma coluna de luz azulada subiu para o céu, rasgando as

nuvens, perdendo-se na escuridão entre as escassas estrelas. Durou, talvez, uns cinco segundos, depois sumiu, sugado às profundezas da noite, levando consigo a abóbada alaranjada, os relâmpagos e os trovões. Retornou a escuridão e o silêncio.

O interior da cratera estava em brasa, emitindo fraquíssimos fiapos vermelhos.

O odor de eletricidade pairava no ar, misturado a outros cheiros.

Eu não passava de uma concha vazia. A casca de uma cigarra que nunca soubera cantar. Respirei fundo diversas vezes. O fedor era pavoroso, nauseante. O peito doía. As pernas doíam. As mãos ardiam como nunca. O estômago reclamava.

As pessoas remanescentes, recuperadas do susto, estavam curiosas, mas não puderam se aproximar.

— O que houve?

— Não sei... Derreteu tudo.

— Consegue ver algo?

— Está muito quente. Vou subir nesta árvore...

— E então?

— A cratera está brilhando por dentro. Mas o disco-voador... não está mais ali! Nem aquela coisa. O piso está brilhando. Ficou escuro, mas está brilhando...

Vindo de longe, escutei as sirenes. As viaturas da polícia, ambulâncias e bombeiros não

tardaram a aparecer, ainda que tivessem vindo tarde demais, como toda cavalaria.

Coincidência ou não, o tempo mudou repentinamente. Nuvens cobriram o céu e um temporal desabou sobre todo o lugar.

A polícia militar isolou a área aos berros. Todas as testemunhas do evento – as que puderam arrebanhar, pelo menos — foram obrigadas a voltar às suas casas, após fornecerem seus dados pessoais, documentos e endereços. Nos dias, semanas e meses que se seguiram, foram intimadas a prestar depoimentos.

A última coisa de que me recordo é a de estar sendo carregado. Desnecessário dizer o quão preocupada ficara minha mãe – e a merecida bronca que levei mais tarde —, principalmente ao me ver naquele estado e trazido por uma ambulância. Caí rapidamente em um sono profundo, todavia, nada tranquilo. No sonho, cenários estranhos desfilaram diante de mim. Um outro mundo feito de prata, cristais e máquinas estranhas, muitas máquinas. O zumbido insistente não queria sair de dentro de minha cabeça. Parecia, ainda, estar vasculhando.

Quando acordei, vi-me em meu quarto. Tudo parecia ter sido um sonho ruim, exceto pelas marcas trazidas no corpo. E a dor. Se eu tivesse corrido a maratona, não iria sentir-me em pior estado.

Por mais que me contrariasse, foi impossível comparecer a aula seguinte. Lastimei a perda dos cadernos e apostilas, bem como dos meus documentos pessoais na carteira furtada.

Logo pela manhã, o rádio informou sobre estranhas luzes surgidas nas montanhas Macridi.

— “Os cientistas informaram tratar-se da queda de um pequeno cometa” – disse a repórter. – “Indagados sobre os boatos a respeito de uma nave prateada e um homenzinho brilhante, responderam não saber de nada. Em tom irônico, acrescentaram que, provavelmente, tudo não passava de ilusão de óptica ou alucinação em massa. Opinião idêntica tiveram com respeito aos raios e luzes misteriosos, e as explosões subsequentes. Um dos cientistas chegou a mencionar um caso semelhante ocorrido na Sibéria, em 1908, quando o choque de outro cometa foi confundido com um acidente envolvendo um hipotético veículo de origem extraterrestre. Só uma dúvida persiste, e a qual não puderam, até o momento, explicar: por que todo o fundo da cratera encontra-se endurecido, coberto por uma espessa camada de obsidiana? As pesquisas prosseguirão. Assim que os cientistas concluírem seus estudos, farão uma nova declaração oficial à imprensa...”

— “Ilusão de óptica”? “Alucinação em massa”? – falei comigo mesmo. A quem querem enganar?

O zumbido voltou forte, fortíssimo. Apertei a cabeça o mais que pude, sentindo contínuas pulsações de dor. Estática. Simultaneamente, o rádio começou a emitir estalidos estridentes. Eu quis gritar, mas a voz não saiu. Felizmente, continuava deitado.

Então...

... a voz surgiu.

Estranha, profunda, vinda de enigmáticos abismos da mente e do espaço. Abismo... novamente o abismo. E ela falou de dentro de mim para dentro de mim, através do rádio:

— Por favor... Ajudem-me! A nave irá explodir... Corram! Corram! Ela sofreu avarias... Explosão solar... Eu venho em paz...

O rádio calou-se.

O zumbido sumiu.

Senti um grande alívio, contudo, não era completo. Havia um profundo sentimento de mal-estar, de remorso, em meu peito.

Eu venho em paz.

Algo que eu carregaria para sempre.

Um grande vazio surgiu em mim.

“Que explicação trivial as ‘otoridades’ darão para essa misteriosa voz no rádio?”, pensei. “Ventriloquismo coletivo?”

De concreto, uma certeza: tínhamos nos transformado no monstro que julgáramos combater.

Nos dias que se seguiram, precisei correr atrás da segunda via de meus documentos, desaparecidos desde aquela noite, assim como das matérias perdidas no cursinho. Tudo me pareceu irreal. A normalidade tornou-se insólita.

Ah, sim, precisei prestar depoimento, como os outros. Obrigaram-me a assinar uma declaração juramentada, onde me comprometia a não mais tocar no assunto, por envolver a segurança nacional e coisas do tipo. Nunca tiveram êxito em calar por completo os boatos, perdidos em suas infundáveis tramitações burocráticas. Melhor sorte teve a aura de maluco reservada àqueles que insistiam no assunto, de modo que, aos poucos, as próprias testemunhas obrigaram-se a se calar.

Um mês depois, os cientistas informaram que a superfície vítrea fora provocada pelo calor do impacto com um meteorito, ao invés de um cometa. Não forneceram maiores detalhes, muito menos sobre a ausência de fragmentos. O bólido foi batizado de Nhatumani, em razão deste ser o nome da rua mais próxima à colisão. A área toda foi isolada para dar continuidade aos estudos. Um conjunto de laboratórios foi construído nas proximidades, onde

vozes estrangeiras foram ouvidas com frequência. Muito mais tarde, excursões de turistas foram permitidas desde que sob rigorosa vigilância, “para evitar acidentes”. Fizeram até um conjunto de bilheterias.

Visitei a cratera.

A essa altura eu já tinha prestado o vestibular. Por um desses milagres inexplicáveis, conseguira passar. Engenharia.

Uma plataforma fora construída para permitir a visão do alto. Uma cerca metálica de cada lado da plataforma impedia qualquer acesso direto ao terreno pelo público. Instalaram câmeras por toda parte. Encontrei pessoas que haviam estado lá naquela noite, incluindo aquele sujeito do Volkswagen com o nome de sal de fruta, Eno. Apesar da proibição, tentei conversar com ele a respeito, mas fugiu de mim como o diabo da cruz. Nunca mais o vi.

Observei o fundo da cratera. Estava muito escuro e brilhante. Era dia. Não havia mais a neblina. Tentei reviver aqueles momentos fatídicos em minha mente: as poucas estrelas, o perfume das damas-da-noite, o estrondo, a correria, as chamas, o alienígena, o tiro, a turba enlouquecida.

E a mensagem no rádio.

Algo importante ocorrera naquela noite. A revelação... Não apenas uma revelação vinda do

Cosmo, trazendo vida, conhecimento e fatalidade. Não somente uma perda irreparável que poderia ter reduzido em séculos, senão em milênios tudo aquilo que julgávamos saber sobre a Ciência em geral e o Universo em particular. Uma vida inocente, talvez a consciência mais inocente na Terra naquele instante, fora tirada. Aquela noite houve para mim uma revelação tão ou mais importante do que tudo isso:

A revelação do próprio Homem.

E não haveria Iluminismo ou Renascimento que trouxesse a glória humana de volta. Se existira uma criatura no centro do Universo, ela cintilava prata. Nós criáramos Deus a nossa imagem e semelhança; por isso, Ele nada fizera pelo alienígena. O filósofo tinha razão: Deus estava morto. Talvez por isso aquele enlouquecera...

... ou, pelo contrário, teria sido um castigo?

\*\*\*

Fecho momentaneamente o olho que abre.

Estou cansado, exaurido. Muitas noites insones e, quando durmo, eu vejo. Mundos de prata e cristal. Escondo o rosto nas palmas das mãos. Tolice, não há onde se esconder. Nunca houve.

Por que escrevo tudo isto? Por que estou quebrando meu juramento? Porque ele tornou-se irrelevante agora. Ademais, depois de três décadas, quem irá se importar?

Observo o reflexo de meus cabelos grisalhos como um pano de fundo na tela do computador, a medida em que escrevo. Os olhos cansados e as rugas são como escrita antiga sobre o pergaminho do meu rosto.

Tudo é irrelevante agora.

Este escrito também o será, caso não haja mais ninguém para lê-lo.

Por quê?

O zumbido retornou. Mais forte do que nunca, muito mais numeroso. Um verdadeiro enxame de abelhas atravessando os neurônios. Talvez mais... Sonhei noites seguidas com centenas, milhares de “colméias” a atravessar o espaço. Cidades flutuantes. Máquinas, milhões delas. Prata e cristal.

O zumbido fez rádios e televisores queimarem. Milagrosamente, o computador manteve-se intacto. De tempos em tempos, uma palavra repete-se em sua tela e por toda a rede mundial. Preciso tomar muito cuidado, fazer o “backup” de minuto a minuto.

Uma palavra.

Vinda da escuridão longínqua do céu.

O arauto do destino.

O destino de todos nós.

Uma palavra...

“RETALIAÇÃO”

Naquela noite perdida no tempo, olhamos demais para as profundezas do abismo.

Agora, o abismo estava retornando.

Ele olha para dentro de nós.

\*\*\*

NOTA DO AUTOR: A presente história foi originalmente publicada na coletânea independente “Pequenas Portas do Eu” (João Scortecci Editor, 1987). João Scortecci Editor. Vinte e seis anos depois, dei a ela uma nova face. Coincidentemente, eu também tinha vinte e seis anos naquela época. Não terei a presunção de dizer que melhorei a história, como se o tempo tivesse me aperfeiçoado enquanto autor, a exemplo de uma garrafa de vinho. Fiquei muitos anos sem me exercitar na escrita. Se há uma certeza no decorrer de todos esses anos, é apenas a de que eu fiquei mais velho... De qualquer maneira, procurei acrescentar maiores detalhes (dir-se-ia “encher linguiça”) segundo a minha visão atual. A inclusão do poeminha “Passos no Outono” foi um artifício ao qual não pude resistir, por mais deslocado que tenha ficado. Escrevi-o quando tinha vinte anos. Nunca tive jeito para poesias, nada que fosse além de um “Batatinha quando nasce...” Porém, não quis perder essa chance de preservá-lo – e até divulgá-lo - por razões puramente pessoais, nostálgicas. A presente versão de "O Pequeno Ser Prateado" foi divulgada em 04/11/2014 no blog "Marcianos como no cinema", de Herman Schmitz. "Passos no Outono" foi incluído na antologia "Influência do Sentir" (Selo Editorial Independente, 2018), organizada por Brenda Rodrigues.

---

Roberto Schima. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

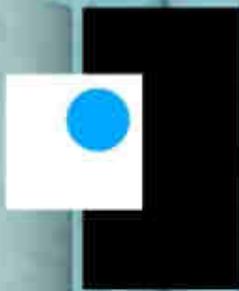
Informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:

[http://www.efuturo.com.br/pagina\\_textos\\_autor.php?id=671](http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671)

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)



# TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

[www.tomoliterario.blogspot.com](http://www.tomoliterario.blogspot.com)

Resenhas

Lançamentos

Escritores

Indicações

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario



por Vitor Abdala

# BALAS PERDIDAS

**M**eu nome é Nestor. Sou delegado de Polícia Civil. Ou melhor, ex-delegado de Polícia Civil. Aposentei-me há pouco tempo e ainda não me acostumei a dizer que sou apenas um ex-policial.

Aposentei-me não só porque eu já tinha tempo de serviço suficiente para isso — afinal dediquei 35 anos da minha vida a essa função — mas também porque, em meus últimos meses como delegado, percebi que trabalhar na polícia não era mais para mim. A investigação de três mortes violentas e a perda de uma pessoa

querida foram os principais motivos pelos quais decidi largar essa profissão a que me dediquei por mais da metade da minha vida.

Lembro-me claramente do que estava fazendo quando tomei conhecimento da primeira morte. Eu ouvia Mozart, na minha sala de delegado titular da 12a DP, em Copacabana, quando o inspetor Gonçalo me trouxe a notícia: um soldado da Polícia Militar tinha sido baleado e morto dentro de casa.

Laércio tinha morrido com um computador no colo, vendo pornografia na internet, em seu apartamento, na rua Gustavo

Sampaio. Um tiro certo na tâmara interrompeu a busca solitária pelo prazer daquele soldado de 29 anos.

O caso não demandava muita investigação. Era um caso de bala perdida. Ponto. A janela estava aberta e a favela do Chapéu Mangueira fica ali do lado. Tiroteios naquela região não são incomuns. Por que duvidar que a bala tivesse saído da pistola de algum bandido da comunidade e viajado até a cabeça do soldado?

Era apenas uma ironia que um policial militar, que se arriscava diariamente em ações perigosas na cidade do Rio de Janeiro, fosse morrer por uma bala perdida na segurança de seu lar.

Eu pedi uma perícia. Recuperamos o projétil, mas não foi possível determinar a origem do tiro. Fim. Era uma bala perdida, perdida mesmo. Saiu de algum lugar indefinido e trespassou a cabeça do soldado para cair no chão de sua sala. Não havia mais o que investigar. Inquérito encerrado.

Quando o cabo Adam, colega de batalhão de Laércio, morreu, também vítima de um tiro na cabeça, um mês depois, achei que havia algo estranho. Adam estava jantando com a esposa na varanda de seu apartamento, no oitavo andar de um prédio na rua Santa Clara, quando caiu de repente no chão. A mulher só percebeu que uma bala atingira a cabeça dele, quando viu uma poça de sangue se

formando ao redor do corpo do marido.

A mulher prestou depoimento. Ninguém invadiu a casa e matou o marido. O tiro veio de fora. Os filhos estavam na sala e confirmaram a versão da mãe. O mais velho, de 15 anos, disse que ouviu tiros vindos do Morro dos Cabritos, que fica próximo ao apartamento, pouco antes do pai morrer.

Fizemos a perícia e só pudemos constatar que, pela trajetória, o tiro veio mesmo da favela. Não havia como precisar a origem do disparo. Tudo indicava que era mais um infortúnio, uma bala perdida.

Era bizarro: dois colegas de batalhão tinham sido mortos com balas perdidas, no período de apenas um mês. Eu não conseguia acreditar naquilo.

O sargento Lindomar morreu dois meses depois, em circunstâncias semelhantes. Também companheiro de batalhão de Adam e Laércio, o sargento estava no play de seu edifício na rua Figueiredo de Magalhães, brincando com a filhinha de dois anos de idade, quando uma bala atravessou sua cabeça.

Daquela vez, me empenhei como nunca na investigação. Por mais que tudo apontasse para um novo caso de bala perdida, eu acreditava que havia algo por trás daquelas três mortes. Alguém estava tentando cometer assassinatos perfeitos.

Fiz a perícia, peguei depoimentos de testemunhas, analisei o local. Mas não consegui avançar. Ninguém viu nada. As câmeras do prédio e da rua não conseguiram capturar ninguém atirando.

A perícia analisou a trajetória da bala e concluiu que ela veio da Ladeira dos Tabajaras, uma favela perto dali. Mais uma vez, não seria possível encontrar o responsável pelo tiro e eu me encontrava num beco sem saída.

Estava prestes a encerrar o inquérito de Lindomar quando Úrsula, a inspetora que estava de plantão naquela madrugada, sentou-se à minha mesa e me ofereceu uma xícara de café. Eu nem deveria estar na delegacia àquela hora, mas não percebi a hora passar, pensando nas últimas investigações.

Ela olhou para as cópias dos inquéritos das três mortes, que estavam sobre a minha mesa, e repentinamente soltou um grito que quase me fez derramar o café sobre a minha calça.

— Lembrei!

— Lembrou o quê, mulher? Quer me matar do coração?

— Esses três PMs. Eu sabia que esses três nomes não me eram estranhos. Agora eu me lembro de onde conheço eles — Úrsula disse e saiu correndo da minha sala.

Ela voltou 20 minutos depois, com um calhamaço nas mãos.

— Olha isso, Nestor.

Era a cópia de um inquérito sobre a morte de Anita, uma menina de quatro anos de idade, que havia sido atingida por uma bala perdida na favela da Ladeira dos Tabajaras. Os três policiais — Laércio, Adam e Lindomar — tinham sido investigados como possíveis autores do disparo que atingiu a criança.

O exame de balística e o laudo da perícia no local do crime apontavam que o autor do disparo era um dos policiais, sem dizer qual deles. Testemunhas também confirmavam a versão de que o tiro partiu dos PMs.

Mas, apesar disso, o inquérito não fora enviado ao Ministério Público. Os PMs não foram indiciados e continuaram trabalhando nas ruas. O caso acontecera dois anos atrás.

— Esse caso ficou com a Claudia — Úrsula disse, enquanto eu ainda lia as peças do inquérito.

Minha esposa, Claudia, 20 anos mais nova que eu, também era delegada. Ela havia sido assistente daquela delegacia por cinco anos. Sua transferência ocorrera há cerca de um ano, justamente quando eu fui designado para ser titular daquela distrital. Desde que nos casamos há 15 anos, decidimos que nunca trabalharíamos na mesma unidade policial.

Meus olhos correram rapidamente pelo documento e encontraram o nome e a assinatura da minha esposa, como responsável pelo inquérito.

Fechei o calhamaço e fiquei em silêncio por um tempo. Em seguida, pedi que Úrsula me deixasse sozinho no escritório. Assim que a inspetora fechou a porta atrás de si, fiz uma chamada de vídeo para o celular da minha mulher.

Claudia estava fora do país há quatro meses, concluindo um doutorado em criminologia, na Universidade do Texas, em Dallas, nos Estados Unidos.

E eu ainda não tinha conversado com Claudia sobre as mortes que eu estava investigando. Essa era outra resolução que havíamos adotado desde o nosso casamento. Nossas investigações policiais jamais seriam assunto de nossos diálogos. Não comentávamos sobre elas nem dentro de casa, nem quando saíamos para jantar fora, para caminhar na orla ou para fazer qualquer coisa.

Ela demorou um pouco para atender à ligação. Quando apareceu na tela, percebi que seu rosto estava amassado. Estava dormindo e acordara com a chamada. Eu me esquecera de que já era madrugada e que, mesmo com a diferença de fuso horário, também já passava de meia-noite em Dallas.

— Por que você está ligando tão cedo? É uma hora da manhã aqui.

Cortei os cumprimentos e fui direto ao ponto: perguntei sobre o inquérito da menina baleada na Ladeira dos Tabajaras, que ela, de forma

irregular, não tinha remetido ao Ministério Público.

Claudia ia começar a responder quando a ligação caiu. Tentei chamar de volta, mas ela não atendeu.

Aproveitei que estava com o celular na mão e fiz uma busca pela internet. O caso da morte de Anita havia tido pouca repercussão. Os veículos de imprensa noticiaram a morte no primeiro dia. No segundo dia, os sites informavam que o pai, Rogério, acusava os policiais de terem matado a menina. Havia também notícias sobre o enterro.

No terceiro dia, apenas um site noticiava a investigação policial e aproveitava para fazer um perfil da menina.

Depois disso, a história ficou esquecida por um tempo. Um mês depois da morte da menina, um site noticiou que o pai da criança tinha procurado a imprensa para lamentar a falta de empenho dos investigadores e a ausência de punição aos PMs. Segundo a reportagem, ele prometia continuar buscando justiça. “Eu não vou sossegar enquanto a justiça não for feita. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance pra esses policiais pagarem pelo que fizeram”, dizia o pai, em tom de ameaça.

Aquela era a última notícia sobre o caso publicada na imprensa. Mas, escondido na quinta página das buscas, havia o link para uma postagem no perfil da associação dos

moradores da Ladeira dos Tabajaras, em uma rede social. O texto, publicado uma semana depois daquela última notícia, informava que seu Rogério, pai da menina Anita, tinha se suicidado.

Rogério nunca se conformara com a perda de sua única filha e seus amigos diziam que ele decidira acabar com sua própria vida.

Será que a Claudia sabia daquilo? Por que ela deixara de remeter o inquérito ao Ministério Público, permitindo que os três policiais ficassem impunes mesmo com todas as provas apontando para o envolvimento direto deles na morte da menina?

Já tinha amanhecido aqui no Rio de Janeiro quando Claudia finalmente atendeu à ligação novamente.

Mais uma vez, pedi explicações. Claudia disse que os laudos dos peritos não foram tão conclusivos assim, que o resultado das perícias dava margem para dúvidas e que entendia que os policiais cometiam erros. Ela não queria pré-julgar os policiais e destruir a carreira deles por um erro que qualquer um poderia cometer.

— Mas não cabe a você julgar. Você tinha que concluir o inquérito e encaminhar para o MP. Os laudos são bem conclusivos para mim. Os policiais mataram a criança. Eles mataram uma menina de quatro anos. E você cometeu uma falta grave ao não dar prosseguimento ao processo.

— Agora você é o fodão? O melhor delegado do Rio? Acho que você se lembra da nossa promessa de nunca se meter nas investigações um do outro.

— Me diz que a Kátia não teve nada a ver com isso... — soltei, sem pensar muito no que aquilo poderia acarretar.

A major Kátia era a subcomandante do Batalhão de Copacabana, a chefe dos três policiais que estavam sendo investigados. E ela tivera um envolvimento amoroso com a Claudia num momento que ficamos separados porque nosso casamento experimentara uma crise.

— Não envolve a Kátia, Nestor. Toda vez que a gente discutir, você vai ficar jogando isso na minha cara? Eu fiz o que deveria ter feito no caso dos PMs e não me arrependo.

Ela jurava que nunca mais tinha falado com Kátia desde que retomamos nosso relacionamento. E ela jamais confessaria, mas, no fundo, eu sabia que aquela vaca tinha convencido minha mulher a encerrar o caso.

— Você sabia que o pai da menina também está morto? Ele se suicidou um tempo depois.

Claudia ficou em silêncio por alguns segundos. E, então, vi lágrimas escorrendo por seu rosto. Ela não sabia do suicídio do pai da menina. E ela provavelmente tinha consciência de que fora um erro não encaminhar

o processo para o Ministério Público. Senti que ela estava arrependida de ter feito o que fez.

— Eu tinha que ajudar meu irmão, Nestor — ela falou, enfim. — Ele tava enterrado em dívidas. Ele tava devendo 30 mil reais pro dono da boca de fumo lá da Mangueira. Trinta mil reais.

Aquilo me pegou desprevenido. Fiquei sem saber o que dizer.

— Ele tinha que pagar tudo ou iam matar ele. E a Kátia...

O que tinha a Kátia?

— Ela me ofereceu o dinheiro. Ela me deu os 30 mil para eu ignorar as evidências e não levar problemas pro seu batalhão. — Claudia chorava, mas eu não conseguia sentir pena. Estava em estado de choque por saber que minha mulher tinha se corrompido.

— Por quê? — perguntei depois de algum tempo em que só se ouvia o soluçar de Claudia. — Por que você não tirou esse dinheiro da nossa poupança? A gente tem mais de 200 mil guardados...

— Porque você ia querer matar o meu irmão. Você nunca gostou dele. Você chamava ele de drogado filho da puta.

— E você aceitou um suborno para liberar os policiais?

— Eu sabia que eles acabariam sendo liberados. Foi um homicídio culposo. Foi uma morte acidental. No máximo, pegariam um regime aberto ou uma prestação de serviços

comunitários. E eu queria salvar meu irmão. Tudo aconteceu ao mesmo tempo e não tive muita oportunidade de pensar, de escolher.

— Eles estão mortos agora, Claudia...

— eu disse, meio sem saber por quê.

Ela parou de soluçar um pouco e quase pude ouvir as batidas de seu coração.

— Os três foram mortos de forma semelhante. E depois de investigar os três casos, só consegui pensar numa hipótese: bala perdida — eu continuei.

Claudia ficou chocada com aquilo. Pude ver o medo em seus olhos.

Ela disse que estava sentindo um mal-estar e que nos falaríamos mais tarde. Então, desligou o telefone. Não nos falamos mais. Só voltei a ver o rosto da minha mulher novamente no velório dela. Não era possível ver a marca do tiro que a atingiu na têmpora por causa das flores que compartilhavam o caixão com o corpo de Claudia.

Naquele mesmo dia em que nos falamos pela última vez, Claudia foi morta dentro do hotel. Segundo as notícias veiculadas na imprensa local, uma bala atravessou a janela do quarto e atingiu a cabeça da minha mulher. A polícia de Dallas não conseguiu identificar a origem do tiro.

Bala perdida, mais uma vez.

Os céticos dirão que foi um acaso. Alguém deu um tiro para o alto e

atingiu Claudia dentro do quarto. Ela estava no local errado, na hora errada. Mas eu sabia que não era acaso coisa nenhuma. Claudia e os três PMs estavam ligados à morte da menina. Um dos policiais militares matou a criança, provavelmente de forma acidental. Os outros dois ajudaram a encobrir o erro do colega. E minha mulher foi cúmplice daquilo, ao decidir não levar os três à Justiça.

Na noite que voltei do cemitério, depois da cremação do corpo de Claudia, deitei na cama, mas fiquei desperto por várias horas. Lembrei-me da minha mulher, de quem não tive a chance de me despedir. Lembrei-me dos três PMs mortos por balas perdidas. E me lembrei de uma frase, dita pelo pai de Anita, a menina assassinada: “Eu não vou sossegar enquanto a justiça não for feita. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance pra esses policiais pagarem pelo que fizeram”.

Sim, aquelas quatro mortes não tinham sido um acaso. As três mortes que eu investiguei, assim como a de Claudia, foram todas arquivadas por se mostrarem inconclusivas. Não havia ninguém que se pudesse responsabilizar por aquelas mortes. Pelo menos não oficialmente.

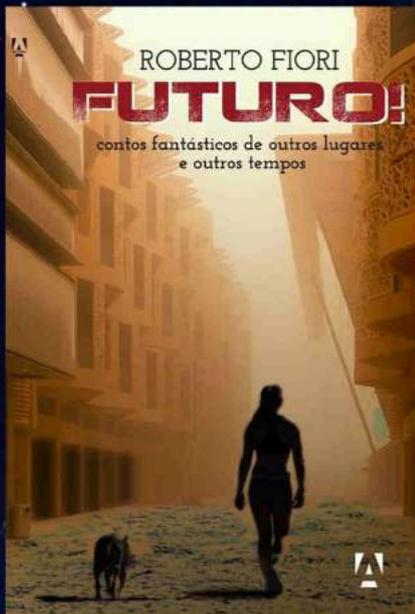
Mas eu sabia quem era o responsável. Apenas não podia colocar minha conclusão nos inquéritos porque ninguém me levaria a sério.

Rogério, o pai de Anita, havia cumprido sua promessa. Mesmo depois de seu suicídio, ele tinha mesmo feito tudo o que estava ao seu alcance para conseguir justiça para sua filha.

E quanto a mim, agora finalmente estou aposentado. Só quero agora curtir minha vida e fazer coisas que me dão prazer. Não quero mais saber de assassinatos. Não quero mais saber de cadáveres. Não quero mais saber de balas perdidas.

---

Vitor Abdala é Jornalista e membro da Horror Writers Association (HWA), dos Estados Unidos, e da Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror (Aberst). É autor do romance policial de terror *Caveiras* (Ed. Generale) e das coletâneas *Tânatos* e *Macabra Mente*. Organizou as antologias *Narrativas do Medo 1 e 2*, que reúnem alguns dos principais nomes do terror nacional.



**CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE  
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS  
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E  
DIFERENTES DIMENSÕES**

Uma obra do autor Roberto Fiori

para adquirir  
[[clique aqui](#)]



# Traveling Between Pages

[www.travelingbetweenpages.com.br](http://www.travelingbetweenpages.com.br)

Para os apaixonados por livros e entretenimento.

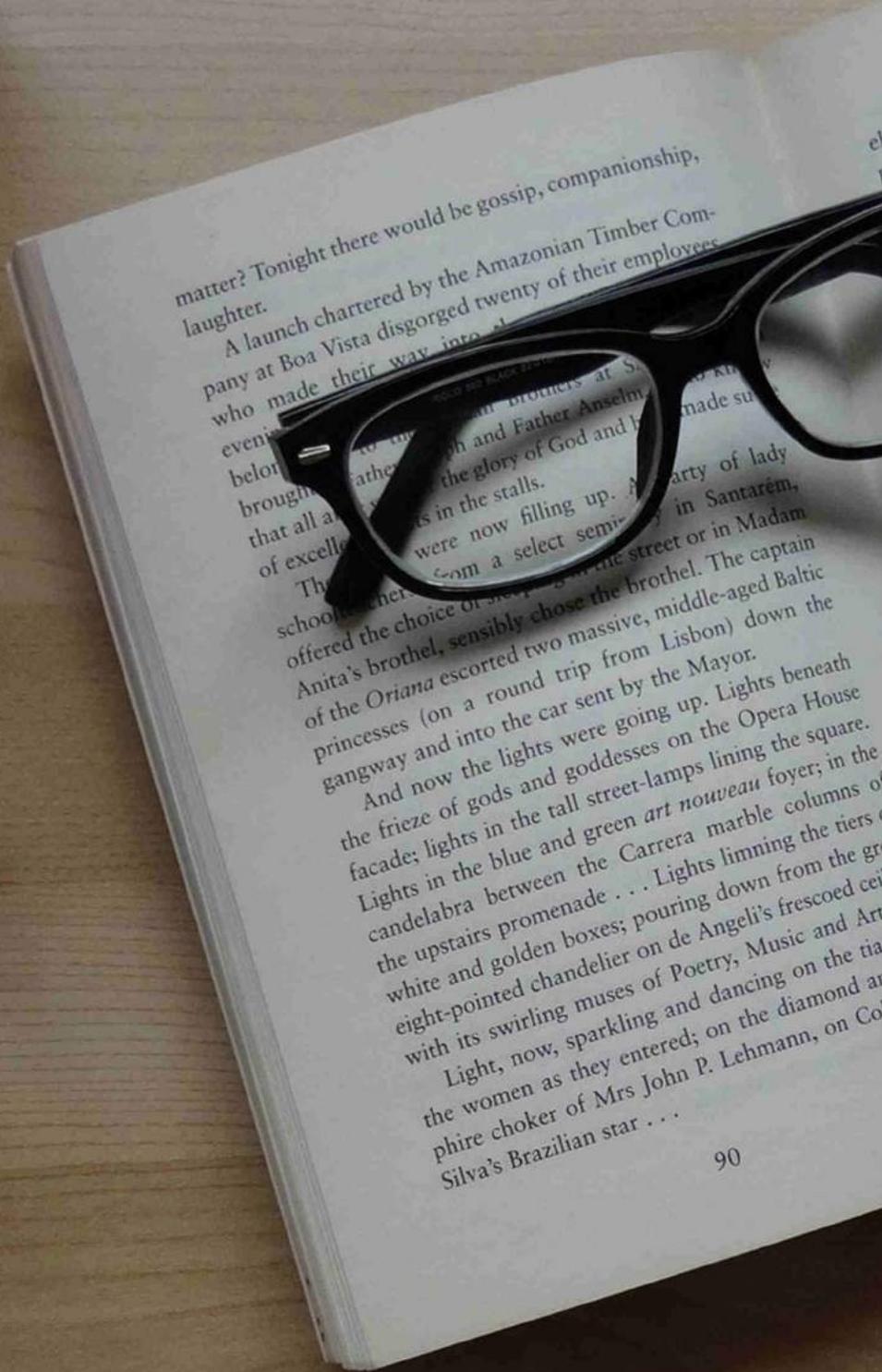
 /travelingbp  /travelingbetweenpages  /TravelingBP



[www.livreando.com.br](http://www.livreando.com.br)

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!

 /bloglivreando  /bloglivreando  /BlogLivreando



## NÃO FIQUE DE FORA

Saiba como anunciar ou publicar  
em nosso site ou próxima edição:

**CLIQUE AQUI**